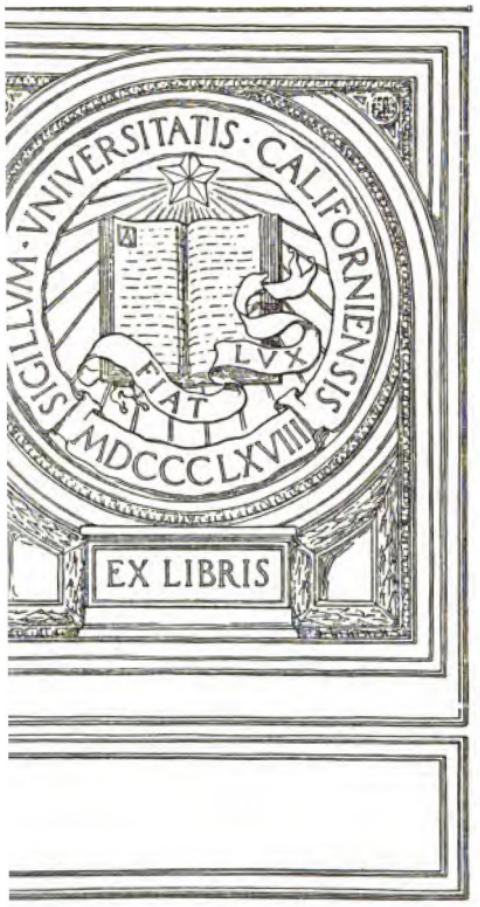


YC171756

SA DU BOCA GE

PQ 9261 B356



Cada volume — 100

P.R.
(ME)



ANTIGA E MODERNA

BOCAGE

O Livro dos Sábios

STORIA

OSOPHIA

TICA

RTE

ATRO

ESIA

MANCE

OMIA

LITERATURA
CRITICA

N.º 76

Digitized by Google

GIFT

BIBLIOTHECA UNIVERSAL
ANTIGA E MODERNA

Barroca da BOCAGE,

O LIVRO DOS SONETOS

8.^a EDIÇÃO, ESMERADAMENTE REVISTA

19.^a SÉRIE — NÚMERO 76



LISBOA

“A EDITORA”

so, Largo do Conde Barão, 53

RIO DE JANEIRO

Rua do Ouvidor, 166

S. PAULO

BELLO HORIZONTE

Rua de S. Bento, 65 || Rua da Bahia

1908

MEMORIAM

PRESERVATION
COPY ADDED
MF 3/90

Manoel Pinto
GIFT

Typ. da «A Editora» — Largo do Conde Barão, 50 — Lisboa

PQ9261
B356
1908

O LIVRO DOS SONETOS

I

Incultas producções da mocidade
Exponho a vossos olhos, ó leitores:
Vêde-as com máguia, vêde-as com piedade,
Que elas buscam piedade, e não louvores:

Ponderare da fortuna a variedade
Nos meus suspiros, lagrimas e amores!
Notae dos males seus a immensidão,
A curta duração de seus favores:

E se entre versos mil de sentimento
Encontrardes alguns, cuja apparencia
Indique festival contentamento,

Crêde, ó mortaes, que foram com violencia.
Escriptos pela mão do Fingimento,
Cantados pela voz da Dependencia.

A noticia biographica de *Bocage* encontra-se à frente do volume 32
d'esta *Bibliotheca*.

M745095

Digitized by Google

II

Chorosos versos meus desentoados,
 Sem arte, sem belleza, e sem brandura,
 Urdidos pela mão da desventura,
 Pela baça tristeza envenenados:

Vêde a luz, não busqueis, desesperados,
 No mudo esquecimento a sepultura;
 Se os ditosos vos lèrem sem ternura,
 Lèr-vos-hão com ternura os desgraçados:

Não vos inspire, ó versos, cobardia,
 Da satira mordaz o furor louco,
 Da maldizente voz e tyrannia:

Desculpa tendes, se valeis tão pouco;
 Que não pode cantar com melodia
 Um peito, de gemer cansado e rouco.

III

De suspirar em vão já fatigado,
 Dando tregua a meus males eu dormia;
 Eis que junto de mim sonhei que via,
 Da morte o gesto livido e mirrado:

Curva fouce no punho descarnado
 Sustentava a cruel, e me dizia:
 “Eu venho terminar tua agonia;
 Morre, não penes mais, ó desgraçado!„

Quiz ferir-me, e de Amor foi atalhada,
 Que armado de cruentos passadores
 Apparece, e lhe diz com voz irada:

Emprega n'outro objecto os teus rigores;
 “Que esta vida infeliz está guardada
 Para victimá só de meus furores.”

IV

Raios não peço ao creador do mundo,
 Tormentas não supplico ao rei dos mares,
 Vulcões á terra, furacões aos ares,
 Negros monstros ao bárathro profundo:

Não rogo ao deus d'amor que furibundo
 Te arremesse do pé de seus altares;
 Ou que a peste mortal vde a teus lares,
 E murche o teu semblante rubicundo:

Nada imploro em teu damno, ainda que os laços
 Urdidos pela fé, com vil mudança
 Fizeste, ingrata Nize, em mil pedaços:

Não quero outro despique, outra vingança,
 Mais que vêr-te em poder de indignos braços,
 E dizer quem te perde, e quem te alcança.

V

Já sobre o coche d'ebano estrellado
 Deu meio giro a noite escura e feia;
 Que profundo silencio me rodeia
 N'este deserto bosque, á luz vedado!

Jaz entre as folhas Zephyro abafado,
 O Tejo adormeceu na liza areia;
 Nem o mavioso rouxinol gorgeia,
 Nem pia o mocho, ás trevas costumado:

Só eu velo, só eu, pedindo á sorte
 Que o fio, com que está minha alma presa
 A vil materia languida, me corte;

Consola-me este horror, esta tristeza;
 Porque a meus olhos se afigura a morte
 No silencio total da natureza.

VI

Mavorte, porque em perfida cilada
 O cruel moço aligero o ferira,
 Não faz caso da mãe, que chora e brada,
 Quer punir o traidor, que lhe fugira:

Na sinistra o pavez, na destra a espada,
 Nos igneos olhos fuzilante a ira,
 Pula á negra carroça ensanguentada,
 Que Bellona infernal co'as Furiás tira:

Assim parte, assim vôa; eis que vê posto
 No collo de Marilia o deus alado,
 No collo aonde tem mimoso encosto:

Já Marte arroja as armas, e placado
 Diz, inclinando o formidavel rosto:
 "Valha-te, Amor, esse logar sagrado!„

VII

Ao templo do propicio Desengano
 A próvida Razão guiou meus passos;
 Por vêr-me, louco já, mordendo os laços
 Os duros laços de um amor profano:

Ajoelho ante o numen soberano,
 Mostro-lhe os roxos, os captivos braços,
 Dizendo-lhe: — "Gran deus, faze em pedaços
 Os ferros, que me pôz Amor tyranno!„

A deidade, inimiga da Esperança,
 Me responde: — "Eu te livro do flagello
 Que opprime os corações; mortal, descança.,

Eis que, brandindo um lucido cutelo,
 Meus ferros corta, e logo da lembrança
 Me escapa de Marfida o rosto bello.

VIII

Não, Marilia, teu gesto vergonhoso,
 A luz dos olhos teus, serena e pura,
 Teu riso, que enche as almas de ternura,
 Agora meigo, agora desdenhoso;

Tua candida mão, teu pé mimoso,
 Tuas mil perfeições, crêr que a ventura
 As guarda para mim, fôra loucura;
 Nem sou digno de ti, nem sou ditoso:

E que mortal emfim, que peito humano
 Merece os braços teus, ó nympha amada?
 Que Narciso? Que heroe? Que soberano?

Mas que lê minha mente illuminada!...
 Céos!... Penetro o futuro!... Ah, não me engano;
 De Jove para o thoro estás guardada.

IX

A loura Filis, na estação das flores,
 Commigo passeou por este prado
 Mil vezes, por signal trazia ao lado
 As Graças, os Prazeres, e os Amores.

Quantos mimos então, quantos favores,
 Que innocent affeição, que puro agrado
 Me não viram gosar (oh dôce estado!)
 Mordendo-se de inveja os mais pastores!

Porém, segundo o feminil costume,
 Já Filis se esqueceu do amor mais terno,
 E com Jonio se ri de meu queixume.

Ah! se nos corações fôsses eterno,
 Tormento abrasador, negro ciúme,
 Serias tão cruel como os do inferno!

X

Marilia, nos teus olhos bulícosos
 Os Amores gentis seu facho accendem;
 A teus labios voando os ares fendum
 Ternissimos desejos sequiosos:

Teus cabellos subtis e luminosos
 Mil vistas cegam, mil vontades prendem;
 E em arte aos de Minerva se não rendem
 Teus alvos, curtos dedos melindrosos:

Reside em teus costumes a candura,
 Móra a firmeza no teu peito amante,
 A razão com teus risos se mistura:

És dos Céos o composto mais brilhante;
 Deram-se as mãos Virtude e Formosura
 Para crear tua alma, e teu semblante.

XI

Negra féra, que a tudo as garras lanças;
 Já murchaste, insensivel a clamores,
 Nas faces de Tirsalia as rubras flores,
 Em meu peito as viçosas esperanças:

Monstro, que nunca em teus estragos cansas,
 Vê as tres Graças, vê os nús Amores
 Como praguejam teus crueis furores,
 Ferindo os rostos, arrancando as tranças!

Domicilio da noite, horror sagrado,
 Onde jaz destruida a formosura,
 Abre-te, dá logar a um desgraçado:

Eis desço... eis cinzas palpo... Ah! Morte dura
 Ah! Tirsalia! Ah! meu bem, resto adorado!...
 Torna, torna a fechar-te, ó sepultura!

XII

De Paphos o menino ardendo em ira,
 Porque uma ingrata as suas leis detesta,
 Tão grave insulto despiciar protesta,
 E a domar-lhe a altivez, teimoso, aspira:

Dormindo encontra a desdenhosa Elmira,
 Sobre a mão reclinada a nivea testa:
 "Teu genio (diz) amansarei com esta
 Farpa subtil, — e do carcaz a tira:

Mas a bella Acidalia, a quem sómente
 Rende o travesso infante vassallagem,
 Lhe apparece, e lhe grita: "Amor, detem-te!

"Tu, filho, que não soffres que me ultragem,
 Elvira vens ferir, irreverente!
 N'ella de tua mãe não vês a imagem?"

XIII

Ó tranças, de que Amor prisões me tece,
 Ó mãos de neve, que regeis meu fado!
 Ó thesouro! ó mysterio! ó par sagrado,
 Onde o menino aligero adormece!

Ó lêdos olhos, cuja luz parece
 Tenue raio do sol! Ó gesto amado,
 De rosas e assucenas semeado,
 Por quem morrêra esta alma, se pudesse!

Ó labios, cujo riso a paz me tira,
 E por cujos dulcissimos favores
 Talvez o proprio Jupiter suspira!

Ó perfeições! ó dons encantadores!
 De quem sois?.. Sois de Venus? — É mentira;
 Sois de Marilia, sois de meus amores.

XIV

Já se afastou de nós o Inverno agreste
 Envolto nos seus humidos vapores:
 A fertil Primavera, a mãe das flores
 O prado ameno de boninas veste:

Varrendo os ares o subtil Nordeste
 Os torna azues; as aves de mil côres
 Adejam entre Zephyros e Amores,
 E toma o fresco Tejo a cõr celeste:

Vem, ó Marilia, vem lograr commigo
 D'estes alegres campos a belleza,
 D'estas copadas arvores o abrigo:

Deixa louvar da cõrte a vã grandeza:
 Quanto me agrada mais estar contigo
 Notando as perfeições da Natureza!

XV

Grato silencio, trémulo arvoredo,
 Sombra propicia aos crimes, e aos amores,
 Hoje serei feliz! — Longe, temores,
 Longe, phantasmas, illusões do medo.

Sabei, amigos Zephyros, que cedo
 Entre os braços de Nize, entre estas flores
 Furtivas glorias, tacitos favores
 Hei de emfim possuir; porém segredo!

Nas azas frouxos ais, brandos queixumes
 Não leveis, não façaes isto patente,
 Que nem quero que o saiba o pae dos numes:

Cale-se o caso a Jove omnipotente,
 Porque se elle souber, terá ciumes,
 Vibrará contra mim seu raio ardente.

XVI

Temo que a minha ausencia e desventura
 Vão na tua alma docemente accesa,
 Apoucando os excessos da firmeza,
 Rebatendo os assaltos da ternura:

Temo que a tua singular candura
 Leve o Tempo fugaz nas azas prêsa,
 Que é quasi sempre o vicio da belleza
 Genio mudavel, condição perjura:

Temo; e se o fado máu, fado inimigo,
 Confirmar impiamente este receio,
 Spectro perseguidor, que anda commigo,

Com rosto, alguma vez de magua cheio,
 Recorda-te de mim, dize comtigo:
 "Era fiel, amava-me, e deixei-o.,

XVII

Emquanto o sabio arreiga o pensamento
 Nos phenomenos teus, ó Natureza,
 Ou solta arduo problema, ou sobre a mesa.
 Volve o subtil geometrico instrumento:

Emquanto, alçando a mais o entendimento,
 Estuda os vastos céos, e com certeza
 Reconhece dos astros a grandeza,
 A distancia, o logar, e o movimento:

Emquanto o sabio, emfim, mais sabiamente
 Se remonta nas azas do sentido
 A' côrte do Senhor omnipotente:

Eu louco, eu cégo, eu misero, eu perdido
 De ti só trago cheia, ó Jonia, a mente;
 Do mais, e de mim mesmo ando esquecido.

XVIII

Afflito coração, que o teu tormento,
 Que os teus desejos tacito devoras,
 E ao doce objecto, ás perfeições que adoras,
 Só te vás explicar c'o pensamento:

Infeliz coração, recobra alento,
 Sécca as inuteis lagrimas, que choras;
 Tu cevas o teu mal, porque demoras
 Os vños ao ditoso atrevimento.

Inflammava surdos ais, que o medo esfria;
 Um bem tão suspirado, e tão subido,
 Como se ha de ganhar sem ousadia?

Ao vencedor afoute-se o vencido;
 Longe o respeito, longe a cobardia;
 Morres de fraco? Morre de atrevido.

XIX

Por esta solidão, que não consente
 Nem do sol, nem da lua a claridade,
 Ralado o peito já pela saudade,
 Dou mil gemidos a Marilia ausente:

De seus crimes a mancha inda recente:
 Lava Amor, e triumpha da verdade;
 A belleza, apesar da falsidade.
 Me occupa o coração, me occupa a mente;

Lembram-me aquelles olhos tentadores,
 Aquellas mãos, aquelle riso, aquella
 Bôcca suave, que respira amores...

Ah! trazei-me, illusões, a ingrata, a bella!
 Pintae-me vós, ó sonhos, entre flores
 Suspirando outra vez nos braços d'ella!

XX

Marilia, se em teus olhos attentara,
 Do estellifero solio reluzente
 Ao vil mundo outra vez o omnipotente,
 O fulminante Jupiter baixara:

Se o deus, que assanha as Furias, te avistara
 As mãos de neve, o collo transparente,
 Suspirando por ti, do chaos ardente,
 Surgira á luz do dia, e te roubara:

Se a vêr-te de mais perto o sol descêra:
 No aureo carro veloz dando-te assento
 Até da esquiva Daphne se esquecêra:

E se a força equalasse o pensamento
 O' alma da minha alma, eu te off'recêra
 Com ella a terra, o mar, e o firmamento.

XXI

O corvo grasnador, e o mocho feio,
 O sapo berrador, e a rã molesta,
 São meus unicos socios na floresta,
 Onde carpindo estou, de angustia cheio:

Perdi todo o prazer, todo o recreio...
 Ah! malfadado amor, paixão funesta!
 Ursulina perdi, nada me resta;
 Madre terra! Agasalha-me em teu seio:

Da vibora mordaz permitte, ó Sorte,
 Que nos matos asperrimos que piso
 As plantas me envenene o tenue corte!

Ah! Que é das graças? Que é do paraíso?
 A minha alma onde está? Quem logra... ó Morte,
 Quem logra de Ursulina o doce riso?

XXII

Guiou-me ao templo do lethal ciume
 A desesperação, que em mim fervia ;
 O cabello de horror se me arripia
 Ao recordar o formidavel nome :

Fumegava-lhe aos pés tartareo lume,
 Crespa serpa as trenhas lhe roía ;
 Eram ministros seus a Aleivosia,
 O Susto, a Morte, a Cólera, o Qeixume :

“Cruel! (grito em phrenetico transporte)
 Dos socios teus, no bárathro gerados,
 Dá-me um só, que te invejo, a Morte, a Morte :

— “Cessa (diz), os teus rogos são baldados :
 Querem ter-te no mundo Amor e a Sorte,
 Para consolação dos desgraçados.”

XXIII

Ancias terríveis, intimos tormentos,
 Negras imagens, horridas lembranças,
 Amargas, mortaes desconfianças,
 Daixaes-me socegar alguns momentos :

Soffrei que logre os vãos contentamentos
 Que sonham minhas doudas esperanças ;
 A posse de alvo rosto, e louras tranças,
 Onde presos estão meus pensamentos :

Deixaes-me confiar na formosura,
 Crueis ! Deixaes-me crêr n'um doce engano,
 Blasonar de phantastica ventura.

Que mais mal me quereis, que maior damno
 Do que vagar nas trevas da loucura,
 Aborrecendo a luz do desengano ?

XXIV

Olha, Marilia, as flautas dos pastores
 Que bem que sôam, como estão cadentes!
 Olha o Tejo a sorrir-se! Olha, não sentes
 Os Zephyros brincar por entre as flores?

Vê como alli beijando-se os Amores
 Incitam nossos osculos ardentes!
 Eil-as de planta em planta as innocentes,
 As vagas borboletas de mil côres!

N'aquelle arbusto o rouxinol suspira,
 Ora nas folhas a abelhinha pára,
 Ora nos ares sussurrando gira:

Que alegre campo! Que manhã tão clara!
 Mas, ah! Tudo o que vês, se eu te não vira,
 Mais tristeza que a morte me causara.

XXV

Fiei-me nos sorrisos da ventura,
 Em mimos femenis, como fui louco!
 Vi raiar o prazer; porém tão pouco
 Momentaneo relampago não dura:

No meio agora d'esta selva escura,
 Dentro d'este penedo humido e ouco,
 Pareço, até no tom lugubre, e rouco
 Triste sombra a carpir na sepultura:

Que estancia para mim tão propria é esta!
 Causaes-me um doce, e funebre transporte,
 Aridos matos, lobrega floresta!

Ah! não me roubou tudo a negra sorte:
 Inda tenho este abrigo, inda me resta
 O pranto, a queixa, a solidão e a morte.

XXVI

Arde em vão por Elisa, em vão porfia
 Contra a constancia da heroina augusta
 O barbaro senhor d'Africa adusta,
 Que do sangue de Jove se gloria:

Em vão lhe offrece a vasta monarchia,
 Aonde a espadua atlantica robusta
 Sustenta os céos, o caminhante assusta,
 E horridos monstros indomaveis cria:

Não cede Elisa; e vendo que furioso
 Usa da força o lybico tyranno,
 Ella intrepida escolhe um fim glorioso.

Mentes, mentes, injusto mantuano!
 Dido infeliz foi victima do esposo,
 Foi victima da fé, não do troyano.

XXVII

Ha pouco a mãe das Graças, dos Amôres,
 Gerada pela espuma crystallina,
 Baixou da etherea região divina
 Nas azas dos Favonios voadores:

“O’ das margens do Tejo habitadores!
 Hoje torna a luzir (disse Ericina)
 O lêdo instante em que nasceu Marina,
 Inclichto fructo de inclitos maiores:

“Do céo, do mar, da terra os soberanos
 Imprimindo-lhe encantos a milhares,
 Crearam n’ella a gloria dos humanos:

“Eis, cantae lhe os dotes singulares
 Louvæ seus olhos, applaudi seus annos,
 Queimæ-lhe aromas, erigi-lhe altares.

XXVIII

A teus mimosos pés, meu bem, rendido,
 Confirmo os votos, que a traição manchara;
 Fumam de novo incensos sobre a ara,
 Que a vil ingratidão tinha abatido:

De novo sobre as azas de um gemido
 Te offreço o coração, que te aggravara;
 Saudoso torno a ti, qual torna á cara
 Perdida pátria o misero banido:

Renovemos o nó por mim desfeito,
 Que eu já maldigo o tempo desgraçado
 Em que a teus olhos não vivi sujeito;

Concede-me outra vez o antigo agrado;
 Que mais queres? Eu choro, e no meu peito
 O punhal do remorso está cravado.

XXIX

Os suaves effluvios, que respira
 A flor de Venus, a melhor das flores,
 Exhalas dos teus labios tentadores,
 O dôce, ó bella, ó desejada Elmira;

A que nasceu das ondas, se te vira,
 A seu pesar cantara os teus louvores;
 Ditoso quem por ti morre d'amores!
 Ditoso quem por ti, meu bem, suspira!

E mil vezes ditoso o que merece
 Um teu furtivo olhar, um teu sorriso,
 Por quem da mãe formosa Amor se esquece!

O sacrilego atheu, sem lei, sem siso,
 Contemple-te uma vez, que então conhece
 Que é fôrça haver um Deus, e um paraíso.

XXX

Esses thesouros, esses bens sagrados
 Para os cegos mortaes, bens de que abunda
 Asia guerreira, America fecunda,
 Filhos da terra, pelo sol gerados:

Honras, grandezas, titulos inchados
 Servil incenso, adulaçao jocunda,
 Não quero, não, que sobre mim diffunda
 Amiga destra de risonhos Fados:

Quero que as Furias horridas m'escoitem,
 Quero que contra mim, que em vão deliro,
 Os racionaes e irracionaes se voltem:

Quero da morte o formidavel tiro,
 Comtanto, ó Jonia, que meus labios soltem
 N'esses teus labios o final suspiro.

XXXI

Meu fragil coração, para que adoras,
 Para que adoras, se não tens ventura?
 Se uns olhos, de quem ardes na luz pura,
 Folgando estão das lagrimas que choras?

Os dias vês fugir, voar as horas
 Sem achar n'elles visos de ternura;
 E ainda a louca esperança te figura
 O premio dos martyrios, que devoras!

Desfaze as trevas de um funesto engano,
 Que não has de vencer a inimizade
 De um genio contra ti sempre tyranno:

A justa, a sacro-santa divindade
 Não fórsa, não violenta o peito humano,
 E queres constranger-lhe a liberdade?

XXXII

Os garços olhos, em que Amor brincava,
 Os rubros labios, em que Amor se ria,
 As longas tranças, de que Amor pendia,
 As lindas faces, onde Amor brilhava :

As melindrosas mãos, que Amor beijava,
 Os niveos braços, onde Amor dormia,
 Foram dados, Armania á terra fria,
 Pelo fatal poder que a tudo agrava:

Seguiu-te Amor ao tacito jazigo,
 Entre as irmãs cobertas de amargura ;
 E eu que faço (ai de mim !) como os não sigo !

Que ha no mundo que ver, se a formosura,
 Se Amor, se as Graças, se o prazer comtigo
 Jazem no eterno horror da sepultura ?

XXXIII

Não disfarces, Marilia ; por Josino
 Já nos teus olhos a paixão flammeja ;
 E em que parte estará, que se não veja
 O tenro deus, o aligero menino ?

Inda que ostente de animo ferino,
 Ha quem teu niveo peito abrase, e reja ;
 Porém, Marilia, dize-me qual seja
 A causa justa de um amor tão fino ?

N'esse, que as esquivanças te suavisa,
 Encontras uma fervida ternura,
 Um coração brioso, uma alma liza ?

Seus meritos quaes são?... Mas, ó loucura !
 Quem é feliz, que meritos precisa ?
 Que dons ha de mistér quem tem ventura ?

XXXIV

Ursulina gentil, benigna, e pura,
 Eis nas azas subtis de um ai cansado
 A ti meu coração vôa alagado
 Em torrentes de sangue, e de ternura:

Põe-lhe os olhos, meu bem; vê com brandura
 Seu miseravel, doloroso estado;
 Que nas garras da morte já cravado
 A fé, que te jurava, inda te jura:

Põe-lhe os olhos, meu bem, suavemente,
 Põe-lhe os mimosos dedos na ferida,
 Palpa de Amor a vítima innocent:

E por milagre d'elles, ó querida,
 Verás cerrar-se o golpe, e de repente
 Em ondas de prazer tornar-lhe a vida.

XXXV

Em veneno lethifero nadando
 No roto peito o coração me arqueja;
 E ante meus olhos horrido negreja
 De mortaes afflícções espesso bando:

Por ti, Marilia, ardendo, e delirando
 Entre as garras asperrimas da Inveja,
 Amaldiçō Amor, que ri, e adeja
 Pelos ares, c'os Zephyros brincando:

Recreia-se o traidor com meus clamores,
 E meu cioso pranto... ó Jove, ó nume
 Que vibras os coriscos vingadores!

Abafa as ondas do tartareo lume,
 Que para os que provocam teus furores
 Tens inferno peor, tens o ciume.

XXXVI

Do arbusto, a Nize, a Venus consagrado
 Envisquei hoje um trémulo raminho;
 Pousou n'elle este incauto passarinho,
 E pelos tenros pés ficou pegado:

Então, depois de o ter na mão fechado,
 Corri, dizendo alegre: — Eu adivinhe
 Que ha de Nize estimar, que o meu carinho
 Lhe dedique este musico do prado.

Disse; e no mesmo instante a simples ave
 Desata a linda voz, e principia
 Um canto harmonioso, agudo, e grave:

Ah! por ser tua, entendo que dizia
 Que a prisão, mais gostosa e mais suave
 Que a propria liberdade encontraria!

XXXVII

Ó retrato da morte, ó noite amiga
 Por cuja escuridão suspiro ha tanto!
 Calada testemunha do meu pranto,
 De meus desgostos secretária antiga!

Pois manda Amor, que a ti sómente os diga,
 Dá-lhes pio agasalho no teu manto;
 Ouve-os, como costumas, ouve, enquanto
 Dorme a cruel, que a delirar me obriga:

E vós, ó cortezãos da escuridade,
 Phantasmas vagos, mochos piadores,
 Inimigos, como eu, da claridade!

Em bandos acudi aos meus clamores;
 Quero a vossa medonha sociedade,
 Quero faltar meu coração de horrores.

XXXVIII

Vinde, prazeres, que por entre as flores
 Nos jardins de Cythéra andaes brincando,
 E vós, despidas Graças, que dansando
 Trinaes alegres sons encantadores:

Deusa dos gôstos, deusa dos amores,
 Ah! dos filhinhos teus ajunta o bando,
 E vem nas azas de Favonio brando
 Dar fôrça, dar belleza a meus louvores.

Da linda Anarda minha voz aspira
 A cantar o natal; tu, por clemencia,
 A teu fiel cantor, deidade, inspira:

Do thracio vate empresta-me a cadencia,
 E faze que mereça a minha lyra
 Os candidos sorrisos da innocencia.

XXXIX

Canta ao som dos grilhões o prisioneiro,
 Ao som da tempestade o nauta ousado,
 Um, porque espera o fim do captiveiro,
 Outro, antevendo o porto desejado:

Exposta a vida ao tigre mosqueado
 Gira sertões o soffrego mineiro,
 Da esperança dos lucros encantado,
 Que anima o peito vil, e interesseiro:

Por entre armadas hostes destemido
 Rompe o sequaz do horrifico Mavorte,
 C'o triumpho, co'a gloria no sentido;

Só eu (tyranno Amor! tyrranna sorte!)
 Só eu por Nize ingrata aborrecido
 Para ter fim meu pranto espero a morte.

XL

Entre as tartareas forjas, sempre accesas,
 Jaz aos pés do tremendo, estygio nume,
 O carrancudo, o rabido Ciume,
 Ensanguentadas as corruptas presas:

Traçando o plano de crueis empresas,
 Fervendo em ondas de sulfureo lume,
 Vibra das fauces o lethal cardume
 De horridos males, de horridas tristezas;

Pelas terríveis Furias instigado
 Lá sae do inferno, e para mim se avança
 O negro monstro, de áspides toucado:

Olhos em brasa de revés me lança;
 Ó dor! Ó raiva! Ó morte!... Eil o a meu lado,
 Ferrando as garras na viperea trança.

XLI

Pela porta de ferro, onde ululando
 O cão triânce está perpetuamente,
 Entraste, Orpheu, co'a cythara eloquente
 Os monstros infernaes domesticando:

Penedos com teus sons amontoando
 Lá ergues Thebas, Amphion cadente;
 Pulsa Arion a lyra, e de repente
 Vê delphins, vê tritões no mar dansando:

Tu, linguagem do Céo, tu, melodia,
 A tudo encantas, para tudo és forte,
 Menos para aplacar a ingrata Armia:

Mais facil te ha de ser, domando a sorte,
 Ir de novo á tartarea monarquia
 Vêr outra vez o carcere da morte!

XLII

Triste quem ama, cego quem se fia
 Da feminina voz na vã promessa!
 Aspira a vê-l-a estavel! Mais depressa
 O facho apagará, que espalha o dia.

Alada exhalação, que na sombria
 Tacita noite os ares atravessa,
 Foi comigo a paixão volvel d'essa
 Que o peito me afagava, e me feria:

Do desengano o balsamo lhe applico,
 E a teus laços, Amor, sem medo exponho
 Dos beneficos Céos o dom mais rico:

Vejo mil Circes placido, risonho;
 E se fé me promettem, ouço, e fico
 Como quem despertou de aereo sonho.

XLIII

Busquei n'um ermo Algania feiticeira,
 Que de abrasado feixe a par jazia;
 Fui vêr se atro conjuro me extorquia
 Do laço antigo esta alma prisioneira;

Expuz-lhe minha fé, minha cegueira,
 Tracei meus males, e a rugosa estría
 Cedendo ás ternas máguas, que me ouvia,
 Cuspiu tres vezes na voraz fogueira:

Trémulas preces murmurou, e eu mudo;
 Eis que as melenas, em signal d'espanto,
 Erriça com semblante carrancudo:

"Meu rito é vão (me diz) e é vão teu pranto;
 O poderoso Amor zomba de tudo,
 Não vence encanto algum d'Amor o encanto."

XLIV

Importuna Razão, não me persigas;
 Cesse a ríspida voz que em vão murmura;
 Se a lei do Amor, se a força da ternura
 Nem domas, nem contrastas, nem mitigas:

Se accusas os mortaes, e os não abrigas,
 Se (conhecendo o mal) não dás a cura,
 Deixa-me a apreciar minha loucura,
 Importuna Razão, não me persigas.

E' teu fim, teu projecto encher de pejo
 Esta alma, fragil vítima d'aquelle
 Que, injusta e vária, n'outros laços vejo:

Queres que fuja de Marilia bella,
 Que a maldiga, a desdenhe; e o meu desejo
 E' carpir, delirar, morrer por ella.

XLV

Ó trevas, que enluctaes a natureza,
 Longos ciprestes d'esta selva annosa,
 Mochos de voz sinistra, e lamentosa,
 Que dissolveis dos fados a incerteza:

Manes, surgidos da morada accessa
 Onde de horror sem Plutão se gosa,
 Não aterreis esta alma dolorosa,
 Que é mais triste que vós, minha tristeza:

Perdi o galardão da fé mais pura,
 Esperança frustei do amor mais terno,
 A posse de celeste formosura:

Volvei pois, sombra vãs, ao fogo eterno;
 E lamentando a minha desventura.
 Movereis á piedade o mesmo inferno.

XLVI

No carro de marfim sentada a Lua
 Da antiga mãe das sombras triumphava,
 Quando a furtivos gôstos me guiaua
 Amor, a quem me entrega a sorte crua:

"Hoje (me disse o nume) ha de ser tua
 A nympha mais gentil, que o Tejo lava;
 Não deram tanta gloria á minha aljava
 Nem Venus a carpir, nem Tethis núa;

"Alli dorme o teu bem... vê, que momento...,"
 Olho, corro anhelante, aos pés lhe caio,
 Mas tentando abraçal a, abraço o vento:

Meu peito arqueja em subito desmaio;
 Eis que sôa esta voz de horrendo accento;
 "Profano! Exvia o crime, e teme o raio!,

XLVII

Inda em meu fragil coração fumega
 A cinza d'esse fogo em que ella ardia;
 A memoria da tua aleivôsia
 Meu socego ainda aqui desassocega:

A vil traição, que as almas nos despega,
 Não tem cabal poder na sympathia;
 Gasta o mar importuno a rocha fria,
 Melhor que o desengano a paixão cega:

Bem como o flavo sol que a terra abraça,
 Por mais que o veja densamente opposto,
 Attrahido vapor fere, e repassa:

Tal, para misturar gôsto e desgôsto,
 Na sombra de teus crimes brilha a graça,
 Com que o prodigo Céo creou teu rosto.

XLVIII

Já o Inverno, expremendo as cans nevosas,
 Geme, de horrendas nuvens carregado;
 Luz o aereo fuzil, e o mar inchado
 Investe ao pólo em serras escumosas;

Ó benignas manhãs! tardes saudosas,
 Em que folga o pastor, medrando o gado,
 Em que brincam no hervoso e fertil prado
 Nymphas e Amores, Zephyros e Rosas !

Voltae, retrocedei, formosos dias:
 Ou antes vem, vem tu, doce belleza
 Que n'outros campos mil prazeres crias;

E ao vêr-te sentirá minha alma accesa
 Os perfumes, o encanto, as alegrias
 Da estação, que remoça a natureza.

XLIX

Mimosa, linda Anarda, attende, attende
 Às doces máguas do rendido Elmano;
 Co'um meigo riso, co'um suave engano
 Consola o triste amor, que não te offende:

De teus cabellos ondeados pende
 Meu coração fiel para seu danno;
 Co'a luz dos olhos teus Cupido ufano
 Sustenta o puro fogo, em que me accende:

Causa gentil das lagrimas que choro,
 A tudo te antepõe minha ternura,
 E quanto adoro o Céo, teu rosto adoro:

O golpe, que me déste, anima e cura...
 Mas ai! Que em vão suspiro, em vão te imploro:
 Não pertence a piedade á formosura.

L

Meus olhos, attentae no meu jazigo,
Que o momento da morte está chegado;
Lá sôa o corvo, intérprete do fado;
Bem o entendo, bem sei, fala commigo:

Triumphá, Amor, gloria-te, inimigo;
E tu, que vês com dôr meu duro estado,
Volve á terra o cadaver macerado,
O despojo mortal do triste amigo:

Na campa, que o cobrir, piedoso Albano,
Ministra aos corações, que Amor flagella,
Terror, piedade, aviso, e desengano:

Abre em meu nome este epitaphio n'ella:
"Eu fui, ternos mortaes, o terno Elmano;
Morri d'ingratidões, matou-me Isabella."

LI

Já no calado monumento escuro
Em cinzas se desfez teu corpo brando;
E pude eu vêr, ó Nize, o doce, o puro
Lume dos olhos teus ir se apagando!

Horridas brenhas, solidões procuro,
Grutas sem luz phrenetico demando,
Onde maldigo o fado acerbo e duro,
Teu riso, teus afagos suspirando:

Darei da minha dôr continua prova,
Em sombras cevarei minha saudade,
Insaciavel sempre, e sempre nova:

Té que torne a gosar da claridade
Da luz, que me inflamou, que se renova
No seio da brilhante eternidade.

LII

Oleno, meia-noite está cahindo:
 Accende a vélia azul, queima as verbenas,
 Torra os ossos de rã, chamusca as pennas
 Da esquerda gralha, que apanhei dormindo:

C'o pé, co'a vara o ar, e o chão ferindo
 Em quanto o filtro portentoso ordenas,
 Eu irei, e a meu brado ouvido apenas
 Virão do inferno as Gorgonas surgindo:

Eia, ávante o prestigio, não cessemos
 Da irresistivel magica porfia,
 Contra quem vê sem dó nossos extremos;

Que se hoje o fel tragamos da agonia,
 Amanhã dôce nectar libaremos,
 Tu nos braços de Nize, eu nos de Armia.

LIII

Vae-te, fera cruel, vae-te, inimiga,
 Horror do mundo, escandalo da gente,
 Que um ferreó peito, uma alma que não sente,
 Não merece a paixão, que me afadiga;

O céo te falte, a terra te persiga,
 Negras furias o inferno te apresente,
 E da baça tristeza o voraz dente
 Morda o vil coração, que amor não liga:

Disfarçados, mortiferos venenos
 Entre licor suave em aurea taça
 Mão vingativa te prepare ao menos:

E seja, seja tal tua desgraça,
 Que ainda por mais leves, mais pequenos
 Os meus tormentos invejar te faça.

LIV

Não temas, ó Ritalia, que o choroso,
 O desvelado Elmano a fé quebrante,
 Não desconfies do singelo amante,
 Que tu podes, tu só, fazer ditoso:

Serena o coração tenro e cioso,
 Que inda minh'alma te ha de ser constante
 Se, primeiro que a tua, andar errante
 Pelas margens do Lethes preguiçoso:

N'aquella ao sol inaccessible parte,
 Dos manes taciturnos entre o bando
 Ao negro esquecimento hei de furtar-te:

E o pensamento aligero voando
 Por abafados ares, visitar-te
 D'alli virá, meu bem, de quando em quando.

LV

Ó deusa, que proteges dos amantes
 O destro furto, o crime deleitoso,
 Abafa com teu manto pavoroso
 Os importunos astros vigilantes:

Quero adoçar meus labios anhelantes
 No seio de Ritalia melindroso;
 Estorva que os máus olhos do invejoso
 Turbam d'amor os soffregos instantes:

Thetis formosa, tal encanto inspire
 Ao namorado sol teu niveo rosto,
 Que nunca de teus braços se retire!

Tarde ao menos o carro á Noite opposto.
 Até que eu desfalleça, até que expire
 Nas ternas ancias, no ineffavel gôsto.

LVI

Aquella, que na esphera luminosa
 Precedendo a manhã, qual astro brilha,
 Mãe dos amores, das espumas filha,
 Que o amor na concha azul passeia airosa:

Apênas viu sorrir Nize formosa,
 A quem dos corações o deus se humilha,
 Do cinto desatando a aurea presilha,
 No regaço lh' o poz, lêda e mimosa:

“Não te é, bem sei (lhe diz), não te é preciso;
 Para attrahir vontades á ternura
 Basta-te um gesto, basta-te um sorriso:

“Mas deves possuil-o, ó nympha pura,
 Como trophéo, que dê ao mundo aviso
 De que Venus te cede em formosura,

LVII

Sonhei que a mim correndo o gnideo num
 Vinha co'a Morte c'o o Ciume ao lado,
 E me bradava: — “Escolhe, desgraçado,
 Queres a Morte, ou queres o Ciume?

“Não é peor d'aquella fouce o gume,
 Que a ponta dos farpões, que tens provado;
 Mas o monstro voraz, por mim creado,
 Quanto horror ha no inferno em'si resume.,

Disse;—e eu dando um suspiro: “Ah! não m'espantes
 Co'a vista d'essa furia!... Amor, clemencia!
 Antes mil mortes, mil infernos antes!,

N'isto accordei com dôr, com impaciencia;
 E não vos encontrando, olhos brilhantes,
 Vi que era a minha morte a vossa ausencia!

LVIII

Ó Céos! Que sinto n'alma! Que tormento!
 Que repentino phrenesi me anceia!
 Que veneno a ferver de veia em veia
 Me gasta a vida, me desfaz o alento!

Tal era, doce amada, o meu lamento;
 Eis que esse deus, que em prantos se recreia,
 Me diz: — A que se expõe quem não recchia
 Contemplar Ursulina um só momento!

“Insano! Eu bem te vi d'entre a luz pura
 De seus olhos travessos, e co'um tiro
 Puni tua sacrilega loucura:

“De morte, por piedade hoje te firo;
 Vae pois, vae merecer na sepultura
 A' tua linda ingrata algum suspiro.”

LIX

Da minha ingrata Férida gentil
 Os verdes olhos esmeraldas são;
 É de candida prata a liza mão,
 Onde eu d'um beijo passaria a mil:

A trança, cõr de sol, rede subtil
 Em que se foi prender meu coração,
 É d'ouro, o pae da tumida ambição,
 Prole fatal do calido Brasil:

Seu peito delicado e tentador
 É porção de alabastro, a quem jámais
 Penetraram farpões do deus traidor:

Mas como ha de a tyranna ouvir meus ais,
 Como ha de esta cruel sentir amor,
 Se é composta de pedras, e metaes!

LX

Tragado o peito de crueis pezares,
 Em doloroso e rabido transporte,
 Contra Amor, de quem pende a minha sorte,
 Voávam meus queixumes a milhares:

Eis que, desde os azues serenos ares,
 Me grita o deus: — “Tua alma se conforte,
 Que nem sempre o Furor, o Estrago, a Morte
 Ministros hão de ser dos meus altares:

“Aquelle paz, aquelle gosto, aquella
 Ventura, que até agora te hei negado,
 Guardei nos olhos de Ritalia bella.”

Disse, e limpando o rosto amargurado,
 Corro da nympha aos pés, encontro n'ella
 Quanto Amor pode dar, e o Céo, e o Fado.

LXI

Desprega as azas, timida Esperança,
 Minha consolação, não desanimes:
 Adeja, vña; os cultos não são crimes,
 Nem Jove a quem o adora os raios lança:

Com ais de um coração que não descansa,
 Terno, benigno dô vae vêr se imprimes
 Na formosa Ursulina, ou se reprimes
 Tenue porção de rispida esquivança:

Chorosas preces, tremulo respeito
 Exercita com ella, e tu, mimoso
 Candido Amor, que escravo me tens feito,

Para adoçar-lhe o genio desdenhoso
 Deixa-lhe os olhos, salta-lhe no peito,
 Não perdes nada, e fazes-me ditoso.

LXII

Nize, das Graças e de Amor thesouro,
 Voto implorado me firmava um dia,
 Na face meiga a candida alegria,
 Aos ventos derramada a trança d'ouro:

Eis que junto de nós ave de agouro
 Tres vezes esvoaça, pousa e pia;
 Os ares prenhe sombra enlucta, esfria,
 E o raio estragador cahe sobre um louro.

No repentino horror, que a scena altera,
 Quereria talvez dizer-me o fado
 Que não tinha o meu bem alma sincera?

Ah! Só quiz persuadir um desgraçado
 Que de o felicitar capaz não era
 Nem a gloria de ser por Nize amado.

LXIII

Em que estado, meu bem, por ti me vejo,
 Em que estado infeliz, penoso o duro!
 Delido o coração de um fogo impuro,
 Meus prezados grilhões adoro e beijo:

Quando te logro mais, mais te desejo,
 Quando te encontro mais, mais te procuro,
 Quando m'o juras mais, menos seguro
 Julgo esse dôce amor, que adorna o pejo.

Assim passo, assim vivo, assim meus fados
 Me desarreigam d'alma a paz, e o riso,
 Sendo só meu sustento os meus cuidados!

E, de todo apagada a luz do siso,
 Esquecem-me (ai de mim!) por teus agrados
 "Morte, Juizo, Inferno e Paraíso".

LXIV

Eu deliro, Gertruria, eu desespero
 No inferno de suspeitas e temores:
 Eu da morte as angustias, e os horrores
 Por mil vezes sem morrer tolero:

Pelo céo, por teus olhos te assevero
 Que ferve esta alma em candidos amôres;
 Longe o prazer de illicitos favores!
 Quero o teu coração, mais nada quero.

Ah! não sejas tambem qual é commigo
 A céga divindade, a Sorte dura,
 A varia deusa, que me nega abrigo!

Tudo perdi: mas valha-me a ternura,
 Amor me valha, e pague-me comtigo
 "Os roubos que me fez a má ventura.."

LXV

O ledo passarinho, que gorgeia
 D'alma exprimindo a candida ternura,
 O rio transparente, que murmura,
 E por entre pedrinhas serpenteia:

O sol, que o céo diaphano passeia.
 A lua, que lhe deve a formosura,
 O sorriso da aurora alegre e pura,
 A rosa, que entre os zephiros ondeia:

A serena, amorosa primavera,
 O dôce auctor das glorias que consigo,
 A deusa das paixões, e de Cythéra:

Quanto digo, meu bem, quanto não digo,
 Tudo em tua presença degenera,
 "Nada se pode comparar comtigo.."

LXVI

Ó terra, onde os seus dons, os seus favores
 Derrama de aureo cofre a Natureza,
 Que na estação de gelo, e da tristeza
 Borda teus prados de verdura e flores:

Ó clima dos heroes, e dos amôres,
 Esmalte e perfeição da redondeza,
 Tu, que abrigas em ti tanta belleza,
 Tantos olhos gentis, e encantadores:

Tu, que do grego errante e cauteloso,
 Da mão que ao nada reduziu Dardanis,
 Tens em teus campos monumento bonroso:

D'elles todos, ó patria, ó Lusitanis,
 O do Tejo é mais ledo, é mais viçoso;
 Graças ao riso da celeste Armania.

LXVII

Preverso estragador da formosura,
 Alma corrupta, desleal, impia,
 Onde interesse, amor e aleivosia
 Jazem com feia, e sordida mistura:

O fructo que produz tua ternura
 São (que assombro!) a vileza, a tyrannia;
 Sacrificas a tua idolatria
 Com tuas proprias mãos em ara impura:

Que bruto coração, que torpe amante
 Vende o seu gôsto? Ah! misera belleza,
 Eu te choro, eu te choro, outrem te cante:

Excedeu-se em formar-te a Natureza;
 Divina te julguei pelo semblante,
 Humana vejo que és pela traqueza.

LXVIII

Vendo o soberbo Amôr, que eu resistia
 No seu poder com animo arrogante,
 Mostrou-me um dôce, angelico semblante,
 Que a propria Venus invejar devia:

Minha nescia altivez, minha ousadia
 Em submissão troquei no mesmo instante;
 E o deus tyranno, achando-se triumphante,
 Com voz insultadora me dizia:

“Tu, que escapar ás minhas settas queres,
 Vil mortal, satisfaze o teu desejo,
 Vê, vê Corina, e foge, se puderess.,

“Amôr, (lhe respondi) rendido a vejo;
 Adoro os olhos seus, com que me feres,
 Venero as tuas leis, teus ferros beijo.,

LXIX

Honroso louro o capitão valente
 Ganhe embora na férvida peleja;
 Seu nome a fama espalhe, e geralmente
 Com pasmo, e com respeito ouvido seja:

Embora o torpe avaro, o vil demente,
 Que para os ferrolhar mil bens deseja,
 De ricas peças de metal fulgente
 Seus amplos cofres atulhados veja:

Embora de lisonjas incensado
 Tenha o moharcha ás suas leis sujeito
 O povo mais feliz, mais afamado:

Que a mim, para que viva satisfeito,
 Me basta possuir teu dôce agrado,
 Ter logar, ó Marilia, no teu peito.

LXX

Deitado sobre a relva Amôr estava
 Dormindo ao pé d'uma arvore sombria,
 E n'um dos troncos pendurado havia
 Prenhe de settas a damosa aljava:

Flora então, que d'isenta blasonava,
 E do infeliz Dorindo escarnecia,
 Com soberba, sacrilega ousadia,
 Quiz partir os farpões, que detestava:

Mas apenas lhe toca, a mão ferindo
 No bico de um dos ferros penetrantes,
 Grita, lavado em pranto o gesto lindo:

“Ai de mim! Firme exemplo dos amantes,
 Onde estás? Vem, não temas, vem, Dorindo,
 Que eu já não sou cruel como era d'antes.”

LXXI

De cima d'estas penhas escabrosas,
 Que pouco a pouco as ondas têm minado,
 Da lua c'o reflexo prateado
 Distingo de Marilia as mãos formosas:

Ah! Que lindas que são, que melindrosas!
 Sinto-me louco, sinto-me encantado;
 Ah! Quando ellas vos colhem lá no prado,
 Nem vós, lyrios, brilhaes, nem vós, ó rosas!

Deuses! Céos! Tudo o mais que tendes feito
 Vendo tão bellas mãos, me dá desgosto;
 Nada, onde ellas estão, nada é perfeito.

Oh! quem pudéra unil-as ao meu rosto!
 Quem pudéra apertal-as no meu peito!
 Dar-lhe mil beijos, e exiprar de gosto!

LXXII

Antes eu viisse matador cutelo
 Por mão ferina contra mim vibrado,
 Ou perecesse o peito esmigalhado
 Pelos golpes de rigido martelo:

Antes das Furias o infernal flagello
 Sentisse, como Orestes malfadado,
 E não das sombras d'afflicção turbado
 O céo, Marilia, de teu rosto bello!

Das faces orvalhada a neve pura,
 Rouca a voz, e na terra a vista preza,
 Te observo, sem que morra d'amargura!

Tu d'esta sorte, angelical belleza?
 Ai de mim! Quem terá prazer, ventura.
 Se até pode no céo caber tristeza!

LXXIII

De emmaranhadas cans o rosto cheio,
 De assacalada fause armado o braço,
 Gigantēa estatura, aspecto baço,
 Um velho em sonhos vi, medonho e feio:

"Não tenhas, ó mortal, de mim receio;
 O Tempo sou (me diz) eu despedaço.
 Os collossos, os marmores desfaço,
 Prosto a vaidade, a formusura afeio:

"Mas sabendo a razão de teus pezares,
 Pela primeira vez enternecido,
 A falar-te baixei dos tenues ares:

"Soffre, por ora, o jugo de Cupido;
 Que eu farei, quando menos o cuidares,
 Que te escape Natercia do sentido.,

LXXIV

Debalde um véo cioso, ó Nize, encobre
 Intactas perfeições ao meu desejo;
 Tudo o que escondes, tudo o que não vejo
 A mente audaz e aligera descobre:

Por mais e mais que as sentinelas dobras
 A sisuda Modestia, o cauto Pejo,
 Teus braços logro, teus encantes beijo,
 Por milagre da idéa affouta, e nobre:

Inda que premio teu rigor me negue,
 Do pensamento a indomita porfia
 Ao mais dôce prazer me deixa entregue:

Que pôde contra Amor a tyrannia,
 Se as delicias, que avista não consegue,
 Consegue a temeraria phantasia?

LXXV

Das faixas infantis despido apenas,
 Sentia o sacro fogo arder na mente;
 Meu tenro coração inda innocent,
 Iam ganhando as placidas Camenas:

Faces gentis, angelicas, serenas,
 De olhos suaves o volver fulgente,
 Da idéa me extrahiam de repente
 Mil simples, maviosas cantilena,

O tempo me soprou fervor divino
 E as Musas me fizeram desgraçado,
 Desgraçado me fez o deus menino:

A Amor quiz esquivar-se, e ao dom sagrado:
 Mas vendo no meu genio o meu destino,
 Que havia de fazer? Cedi ao fado.

LXXVI

Em quanto muda jaz, e jaz vencida
 Do sonno, que a restaura, a Natureza,
 Augmento de meus males a graveza,
 Eu, desgraçado, que aborreço a vida.

Velando está minha alma escurecida
 Envolta nos horrores da tristeza.
 Qual tocha, que entre tumulos acceza,
 Espalha feia luz amortecida:

Velando está minha alma, estão com ella
 Velando Amor, velando a Desventura,
 Algozes com que a Sorte me flagella:

Preside ao acto acerbo a formosura,
 Marilia desleal, Marilia, aquella
 Que tão branda me foi, que me é tão dura.

LXXVII

Incense da Fortuna os vãos altares
 Destra venal de astuto lisonjeiro;
 Raios vibrando intrepido guerreiro
 De nuvens de atro fumo assombre os ares:

Domando a furia de assanhados mares
 Sagaz comerciante interesseiro,
 Pejado o bojo do baixel veleiro
 Opulento saúde os patrios lares:

A deusa, que por boccas cem respira
 Acclame o sabio que medita, e véla,
 Fertil em producções que o mundo admira:

Minha alma só se apraz, só se desvela
 Na gloria de cantar ao som da lyra
 Os olhos de Felisa, as graças d'ella.

LXXVIII

Minha alma se reparte em pensamentos
 Todos escuros, todos pavorosos;
 Pondero quão terríveis, quão penosos
 São, existencia minha, os teus momentos:

Dos males que soffri, crueis, violentos,
 A Amôr, e aos Fados contra mim teimosos,
 Outros inda mais tristes, mais custosos
 Deduzo com fataes presentimentos.

Rasgo o véo do futuro, e lá diviso
 Novos danos urdindo Amôr, e os Fados,
 Para roubar-me a vida apôz do siso.

Ah! Vem, Marilia, vem com teus agrados,
 Com teu sereno olhar, teu brando riso
 Furtar-me a phantasia a mil cuidados.

LXXIX

Por industria de uns olhos, mais brilhantes
 Que o resplandente sol dos céos no cume.
 Jaz prezo entre os grilhões do idilio name
 O mais terno e sensivel dos amantes:

Uma ingrata, exemplar das inconstantes,
 Por genio, por systema, ou por costume,
 Todo o fei da tristeza, e do ciume.
 Lhe verte sobre os miserios instantes:

Se com piedoso affago lhe suavisa,
 Lhe engana alguma vez a dôr, que o mata,
 Mil vezes com desdens o tyrannisa:

O laço aperta, e subito o desata...
 Ah! dôce encanto meu, gentil Felisa,
 O desgraçado eu sou, tu és a ingrata,

LXXX

Em sonhos na escaldada phantasia
 Vi, que torvo dragão de olhos fogosos
 Com afiados dentes sanguinosos
 As tépidas entranhas me rompia:

Alva nympha louçã, que parecia
 A mãe dos Amorinhos melindrosos,
 Raivosa contra mim, c'os pés mimosos
 Mais o drago faminto embravecia:

De marmore a meu pranto, a meu queixume,
 D'este mal, d'este horror sem dó, sem pena,
 Via dos olhos meus sumir-se o lume:

Ah! Não foi illusão tão triste scena:
 O monstro devorante era o Ciume,
 A cruel, que o pungia, era Filena.

LXXXI

Doce nume d'amor, se á bella Armia
 Consagrei por teu mando a liberdade,
 Doce nume d'amor, se tens piedade
 Do coração, que Elmano em ais te envia:

Entre o calado horror da noute fria
 A minha amada, a minha divindade
 (Com seus olhos dourando a escuridade),
 Pinta em ledo sonho a phantasia:

Assoma tão risonha, e tão brilhante
 Como a rosea manha no céo jucundo,
 E as lagrimas enxugue ao triste amante.

Contarei ao meu bem meu mal profundo,
 E que vivo sem elle absorto, errante,
 Perdido, amargurado, e só no mundo.

LXXXII

O céo não te doto de formosura,
De attractivo exterior, e a Natureza
Teu peito inficionou co'a vil torpeza
De ingrata condição, falaz e impura:

Influui-me os extremos da ternura
A constancia, o fervor, e a singelleza,
Esses dons, mais gentis que a gentileza,
Dons, que o tempo fugaz não desfigura:

Apesar da traição, do fingimento
Que te infama e desluz, se enleva e pára
Em ti, alma infiel, meu pensamento:

Nas paixões a razão nos desampara;
Se a razão presidisso ao sentimento,
Tu morreras por mim, eu não te amara.

LXXXIII

As margens do Regaça crystallino
Nos olhos de Tirséa ardi contente,
Brandos olhos gentis, dos quaes pendente
Estava o meu prazer, e o meu destino:

O tenro deus, o candido menino
Pagava meu fervor puro, innocent;

Mas cêdo me impelliu sorte inclemente
Para vós, tristes margens, que abomino:

Aqui desde que aponta a luz phebâa
De logar em lugar deliro e corro,
Com suspeitas nutrindo a turva idéa.

Não posso contra Amor achar socorro;
Perdi todo o meu bem, perdi Tirséa.
Ella vive sem mim, sem ella eu morro.

LXXXIV

Sobre estas duras, cavernosas fragas,
 Que o marinho furor vae carcomendo,
 Me estão negras paixões n'alma fervendo
 Como fervem no pégo as crespas vagas:

Razão feroz, o coração me indagas,
 De meus erros á sombra esclarecendo,
 E vás n'elle (ai de mim) palpando, e vendo
 De agudas anclas venenosas chagas:

Cego a meus males, surdo a teu reclamo
 Mil objectos de horror co'a idéa eu corro,
 Solto gemidos, lagrimas derramo:

Razão, de que me serve o teu socorro?
 Mandas-me não amar, eu ardo, eu amo;
 Dizes-me que socegue, eu peno, eu morro.

LXXXV

Debalde contra o Amor seu fel derrama
 Genio feroz á natureza opposto;
 Crua sphinge infernal de humano rosto,
 Ou furia accesa na tartarea flamma.

Esse, a que astuto engano um vicio chama,
 Benigno sentimento em nós disposto,
 Brota o desejo precursor do gôsto,
 Cria o preciso ardor, que a tudo inflamma:

Doura a negra existencia ao desgraçado,
 Do peito arranca as serpes da tristeza,
 A que inda o mais feliz não foi vedado:

Ventura, ao doce Amor tu andas prêsa;
 É de todo o vivente instincto, e fado,
 É teu quinto elemento, ó Natureza!

LXXXVI

Tu, que na fouce de sanguineo gume
 Tens fera, estragadora omnipotencia,
 Como soffres de Amor a resistencia,
 Ó Tempo devorante, ó impio nume?

E tu, que apagas da ternura o lume,
 Que tornas o desvelo em somnolencia,
 Filha do Lethes, esquecida Ausencia,
 Onde está teu poder, e o teu costume?

Nos outros c'o prazer morre a firmeza,
 Arrefece a paixão de dia em dia,
 Longe dos olhos por que fôra accesa:

Mas em mim terno ardor jámais esfria;
 Por gloria da constancia ou da belleza,
 Triumpham no meu peito Amor e Armia.

LXXXVII

Que idéa horrenda te possue, Elmano?
 Que ardente phrenesi teu peito inflamma?
 A razão te allumie, apaga a chamma,
 Reprime a raiva do ciúme insano:

Esperanças consome, ou vive ufano,
 Ah! Foge, ou cinge da victoria a rama;
 Ama-te a bella Armia, ou te não ama?
 Seus ais são da ternura, ou são do engano?

Se te ama, não consternem teus queixumes
 Os olhos de quem estás enfeitiçado,
 Do puro céo de Amor benigno lumes:

Se outro n'alma d'Armia anda gravado,
 Que fructo has de colher dos vãos ciumes?
 Ser odioso, além de desgraçado.

LXXXVIII

Sobranceiro ao poder, e ás leis da sorte,
 Amor ouviu meus ais, cumpriu meu gôsto:
 Já, já sinto nos olhos, peito, e rosto
 A nevoa, as ancias, o suor da morte:

Á terra mão piedosa me transporte,
 E depois que em sepulcro mal composto
 Der ao frio cadaver frio encosto,
 Estes versos por dó na pedra córte:

"Aqui se esconde Elmano; alegre estado
 Algum tempo deveu á amiga estrella,
 Foi de Armia amador, de Armia amado:

"Desuniu duro caso o triste, e a bella;
 Viver sem ella lhe ordenava o fado;
 Quiz antes o infeliz morrer por ella..

LXXXIX

Aureo fio subtil, que teve unida
 A corpo immaculado uma alma pura,
 De mimoso estalou, e a sepultura
 Ficou do teu despojo enriquecida:

De mil graças lustrosa a doce vida
 Subiu ao cume da immortal ventura;
 Deus nomes — Innocencia, e Formosura —
 Vão dando ao mundo eterna despedida:

Lá onde a morte, e a terra te devoram,
 Na estancia do silencio, e da tristeza,
 Inda, Marilia, corações te adoram:

Longe da tua divinal belleza
 Aos olhos que te viram, que te choram,
 Um tumulo parece a natureza.

XC

Vem, suspirada, carinhosa Armia,
 Remir o escravo, consolar o amante,
 Que afflito, que saudoso a cada instante
 Te envia um pensamento, um ai te envia.

Dá-me nos olhos teus mais puro o dia,
 E flores mais gentis em teu semblante
 Que a flor de cytheréa, a flor brilhante,
 Que o mesmo Abril prefere a quantas cria.

Inimiga de Amor é a tardança:
 Não tardes, não, meu bem, que me flagellas
 Em prolongar-me a soffrega esperança:

Vem olhar n'este rio as faces bellas,
 Vem, por doce illusão da semelhança,
 Vêr enganar-se os Zephyros com elias.

XCI

Do carcere materno em hora escura,
 Em momento infeliz, triste, agourado,
 Me desferrolhou terrivel Fado,
 Meus dias commettendo á Desventura:

Perigosas sementes de ternura
 Havia o deus feroz em mim lançado;
 Que mil azedos fructos tem brotado,
 Regadas pelos prantos da amargura.

Escravo da despotica belleza,
 Remir-me de impia lei, que me domina.
 Tento, e desmaio ao começar a empresa:

Ó poder da paixão, que me allucina!
 Ó cego Amor! Ó fragil Natureza!
 N'alma busco a razão, e encontro Alcina.

XCI

E qual ingratidão, e equal vileza
 Poucos hão de encontrar entre as ruinas
 Que Amor prepara: prodiga de Alcinas
 Não é (graças aos Céos!) a natureza:

Genio de furia, monstro de terpeza,
 Que o pejo afogas, que a traição refinas,
 São as Julias, as Lais, as Messalinas
 A par de ti modelos de pureza.

Não temas, infiel, que á terra chame
 O raio, que reluz na mão do Eterno,
 Para que em negras cinzas te derrame:

Rasguem-te as garras do remorso interno
 O coração corrupto, o peito infame:
 Lá tenho um vingador, lá tens o inferno.

XCII

Ha um medonho abysmo, onde baqueia
 A impulsos das paixões a humanidade;
 Impera alli terrível divindade,
 Que de torvos ministros se rodeia:

Rubro facho a Discordia alli meneia,
 Que a mil scenas de horror dá claridade;
 Com seus socios, Traição, Mordacidade,
 Range os dentes a Inveja escura e feia:

Vê-se a Morte cruel no punho alçando
 O ferro de sangrento hervado guume,
 E a toda a natureza ameançando:

Vê-se arder, fumegar sulfureo lume...
 Que estrondo! Que pavor! Que abysmo infando!...
 Mortaes, não é o Inferno, é o Ciume!

XCIV

A's aguas, e ás areias d'este rio
 Às flores, e aos Favonios d'este prado,
 Meus damnos conto, minhas maguas fio,
 Dou queixas contra Ismene, Amor e o Fado:

A paz do coração posta em desvio,
 O gôsto em desenganos suffocado,
 Lagrimas com lembranças desafio,
 E pela tarda morte ás vezes brado:

Tão maviosos são meus ais mesquinhos,
 Tanto pode a paixão que em mim suspira,
 Que se esquecem das mães os cordeirinhos:

O vento não se mexe, nem respira;
 Deixam de namorar-se os passarinhos,
 Para me ouvir chorar ao som da lyra.

XCV

Voaes, brandos meninos tentadores,
 Filhos de Venus, deuses da ternura,
 Adoçae-me a saudade amarga, e dura,
 Levae-me este suspiro aos meus amores;

Dizei-lhe que nasceu dos dissabores
 Que influe nos corações a formosura;
 Dizei-lhe que é penhor da fé mais pura,
 Porção do mais leal dos amadores:

Se o fado para mim sempre mesquinho,
 A outro offerece o bem de que me afasta,
 E em ais lhe envia Ulina o seu carinho:

Quando um d'elles soltar na esphera vasta,
 Trazei-o a mim, torcendo-lhe o caminho;
 Eu sou tão infeliz, que isso me basta.

XCVI

Não dês, encanto meu, não dês, Armia,
 Ternas lamentações ao surdo vento;
 Se amorosa impaciencia é um tormento,
 Com lidas esperanças se allivia:

A rigorosa mãe, que te vigia,
 Em vão nos prende o lucido momento
 Em que solto, adejando o pensamento,
 Sobe ao cume da gloria, e da alegria:

As fadigas d'Amor não valem tanto
 Como a doce, a furtiva recompensa
 Que outorga, inda que tarde, aos ais, e ao pranto:

Amantes estorvar, que astucia pensa?
 Tem azas o desejo, a noite um manto,
 Obstaculos não ha, que Amor não vença.

XCVII

Fataes memorias da traidora Alcina,
 D'aquellea que encantou meu pensamento;
 Se vos quero sumir no esquecimento,
 Não o consente Amor, que me domina.

Que é da razão, que as almas illumina?
 Por que não põe limita a meu tormento?
 Ah! que mal a definem. se exp'remento
 Que não pode evitar-nos a ruina!

Do que estorvar não sabe ella murmura;
 Deixando-me os effeitos perigosos
 De amorosa, phrenetica amargura:

E inda são para mim menos penosos
 Os horrores da minha desventura.
 Que a vista, que o prazer dos venturosoas.

XCVIII

O céo, de opacas sombras abafado,
Tornando mais medonha a noite feia;
Mugindo sobre as rochas, que salteia,
O mar, em crespos montes levantado:

Deseito em furacões o vento irado,
Pelos ares zunindo a sôltia areia,
O passaro nocturno, que vozeia
No agoureiro cypreste além pousado;

Formam quadro terrivel, mas acceito,
Mas grato aos olhos meus, grato á fereza
Do ciume, e saudade, a que ando affeito;

Quer no horror equalar-me a natureza;
Porém cansa-se em vão, que no meu peito
Ha mais escuridão, ha mais tristeza.

XCIX

Sonho, ou vélo? Que imagem luminosa,
Esclarecendo o manto á noite escura,
A meus olhos pasmados se afigura?
Sustém a tua dôr, alma saudosa!

De mais vistoso objecto o céo não gosa,
A clareza do sol não é mais pura...
Que encanto! Que esplendor! Que formosura...
Cahiu-te um astro, abobada lustrosa!...

Sorrisos da purpurea madrugada,
Vós tão gratos não sois... Ah! como inclina
A face para mim branda, apiedada!

Refulgente visão, tu és de Ulina,
Tu és copia fiel da minha amada,
Ou reflexo talvez da luz divina.

C

Em verso torneado ao som da lyra
 Eu canto amor, a formosura eu canto;
 Por teus olhos gentis, que podem tanto,
 Arde meu coração, treme, suspira:

Audaz competidor, esse que aspira
 De teus carinhos ao celeste encanto,
 Grosseiro e carrancudo infunde espanto,
 Da bruta estupidez nas sombras gira.

Ao vê-lo assim, e ao vêr minha amargura,
 Mal que elle a ti dirige a vista accessa,
 Todos ao meu temor chamam loucura:

Ah! Vem d'alta razão minha tristeza;
 Não receio o rival, temo a Ventura,
 Porque o pode vingar da Natureza.

CI

Se, vítima da ingrata, e do tyranno
 Que fazem lastimosa a tua sorte,
 Ao peso do phrenetico transporte
 Ceder teu coração, misero Elmano:

Se áquelle que o teu mal contempla ufano
 Quizer teu fado que o prazer lhe aborte;
 Se nas garras tambem da turva morte
 Conhecer que a ventura é doce engano:

Se o seu despojo em fim se unir contigo,
 Para que nem, ó triste, a paz possuas
 Entre as eternas sombras do jazigo;

Zelosas despertando as cinzas tuas,
 Revôltas pelo horrór, pelo odio antigo,
 Hão de em negro montão fugir das suas.

CII

Voaste, alma innocent, alma querida,
 Foste vêr outro sol de luz mais pura,
 Falsos bens d'esta vida, que não dura,
 Trocaste pelos bens da eterna vida :

Por Deus chamada, para Deus nascida
 Já de vãs illusões vivas segura :
 Feliz a fé te crê; mas a ternura
 C'o punhal da saudade está ferida.

Desgraçado o mortal, insano, insano
 Em dar seu pranto aos fados de quem mora
 No palacio do eterno soberano !

Perdôa, Anarda, ao triste que te adora :
 Tal é a condição do peito humano ;
 Se a Razão se está rindo, Amor te chora.

CIII

Já de novo a meus olhos apparecem
 A graça, o riso, as flores da alegria ;
 Já na minha teimosa phantasia
 Cuidados que velavam adormecem :

Co'a verdade illusões se desvanecem,
 Qual foge o triste mocho á luz do dia ;
 Providente Razão, porém tardia,
 Já sobre esta alma teus auxilios descem.

Como, cega paixão, nos persuades !
 Quando em Marcia não vi senão belleza
 Julguei que dava gloria ás divindades :

Mas do sacro fulgor co'a mente accessa
 Noto-lhe o coração, e as falsidades,
 Vejo que faz injuria á Natureza.

CIV

Nascemos para amar; a humanidade
 Vae tarde, ou cedo aos laços da ternura:
 Tu és doce attractivo, ó formosura,
 Que encanta, que seduz, que persuade:

Enleia-se por gôsto a liberdade;
 E depois que a paixão n'alma se apura,
 Alguns então lhe chamam desventura,
 Chamam-lhe alguns então felicidade:

Qual se abysma nas lobregas tristezas,
 Qual em suaves jubilos discorre,
 Com esperanças mil na idéa accesas:

Amor ou desfallâce, ou pára, ou corre;
 E, segundo as diversas naturezas,
 Uma porfia, este aquece, aquelle morre.

CV

A frouxidão no amor é uma offensa,
 Offensa que se eleva a grau supremo;
 Paixão requer paixão; fervor, o extremo
 Com extremo e fervor se recompensa.

Vê qual sou, vê qual és, vê que diff'rença!
 Eu descoro, eu praguejo, eu ardo, eu gemo;
 Eu choro, eu desespero, eu clamô, eu tremo,
 Em sombras a razão se me condensa:

Tu só tens gratidão, só tens brandura,
 E antes que um coração pouco amoroso
 Quizera vêr-te uma alma ingrata, e dura.

Talvez me enfadaria aspecto iroso;
 Mas de teu peito a languida ternura
 Tem-me captivo, e não me faz ditoso.

CVI

Nos torpes laços de belleza impura
 Jazem meu coração, meu pensamento;
 E forçada ao servil abatimento
 Contra os sentidos a razão murmura:

Eu, que outr'ora incensava a formosura
 Das que enfeita o pudor gentil, e exempto,
 A já corrupta idéa hoje apascento
 Nos falsos mimos de venal ternura:

Se a vejo repartir prazer, e agrado
 A'quella, a este, co'a fatal certeza
 Fermenta o vil desejo envenenado;

Céos! Quem me reduziu a tal baixeza?
 Quem tão cego me pôz?... Ah! Foi meu Fado,
 Que tanto não podia a Natureza.

CVII

Perdi tudo (ai de mim!) perdi Marfida,
 Marfida, a gloria minha, a minha amada;
 Tenra flor, a esperança malograda
 Do mimoso matiz caiu despida:

Pede meu coração mortal ferida.
 Só aos ditosos a existencia agrada;
 Vida entre angustias equivale ao nada,
 No risonho prazer consiste a vida.

Eia, amante infeliz, teu fim procura!
 Phantastico terror não te reporte,
 Nos tumulos não reina a formosura,

Diga triste letreiro a minha sorte:
 Dae me piedosa sombra á sepultura
 Teixos, cyprestes, arvores da morte.

CVIII

Da rama escura de letal cipreste
 Em sonhos vi c'roada a bela Armia;
 Alvas, mimosas carnes lhe envovia
 Na negra morte a luctuosa veste:

Vagueava o meu bem n'um ermo agreste,
 Onde o mocho agoureiro se carpia,
 Não tão meiga e gentil como algum dia,
 Mas inda conservava um ar celeste:

"Esta que vês (me disse em tom maguado),
 Que não crêste mortal, mas divindade,
 É sombra vã, phantaasma inanimado.."

Eis ferido de amor e de saudade,
 Grito, accordo, e seguiu-se (ó duro fado!)
 A funesta visão fatal verdade.

CIX

Lá onde o Fado impenetravel mora,
 Vôa o menino Amor entre os Amores;
 Loureja a trança, que matizam flores,
 Scintilla o facho, que a Razão devora:

Entra, saúda o nume, ao nume implora
 Que de Marilia os olhos tentadores
 Vejam sempre ante as Graças, e os Louvores
 De seus annos gentis surgir a aurora:

Fronte rugosa vezes tres sacode
 O deus, cujo poder tudo atropela,
 E ás supplicas d'Amor d'est'arte acode:

"Escape ás minhas leis Marilia, bella
 Seja, seja immortal: durar não pode
 O mundo sem amor, amor sem ella."

CX

Quantas vezes, Amor, me tens ferido?
 Quantas vezes, Razão, me tens curado?
 Quão facil de um estado a outro estado
 O mortal sem querer é conduzido!

Tal, que em gráu venerando, alto e luzido,
 Como que até regia a mão do fado,
 Onde o sol, bem de todos, lhe é vedado
 Depois com ferros vis se vê cingido:

Para que o nosso orgulho as azas corte,
 Que variedade inclue esta medida,
 Este intervallo da existencia á morte!

Travam-se gôsto, e dôr; socêgo, e lida;
 É lei da natureza, é lei da sorte
 Que seja o mal e o bem matiz da vida.

CXI

Ó tu, consolador dos malfadados,
 Ó tu, benigno dom da mão divina,
 Das maguas saborosa medicina,
 Tranquillo esquecimento dos cuidados:

Aos olhos meus, de prantear cansados,
 Cansados de velar, teu vô inclina;
 E vós, sonhos d'amor, trazei me Alcina,
 Dae-me a doce visão de seus agrados:

Filha das trevas, frouxa somnolencia,
 Dos gôstos entre o férvido transporte
 Quanto me foi suave a tua ausencia!

Ah! findou para mim tão leda sorte;
 Agora é só feliz minha existencia,
 No mudo estado, que arremeda a morte.

CXII

Quando á que me rendeu jurava ufano
 Gostar por ella do funereo instante,
 Dizia a doce amada ao terno amante:
 "Inalia morrerá, se morre Elmano!"

O Tempo, das paixões, dos bens tyranno,
 Tornou ferino o divinal semblante,
 E nos labios gentis voz fulminante
 Vibrou, vibrou-me um raio; — o desengano!

Esperanças, murchae; tu, lisonjeiro
 Sonho adoravel, com que o ser mantive,
 Desfaze te em meu ponto verdadeiro:

Mas ás cinzas do amante Amor não prive
 Dos ais d'escravos seus; triste letreiro
 Diga: — "Elmano morreu, e Inalia vive."

CXIII

Pode o tōsco pincel, que mal sustento,
 Pintar ousado divinal belleza?
 Oh! Quanto fôra temeraria empresa!
 Pagara icaria sorte o louco intento.

Não pinta humana penha um tal portento,
 Milagre da sublime Natureza;
 Tens mais alto pintor, que não despreza
 Pintar-te... a mão, que fez o firmamento:

Tanto não posso, ó d'entre as bellas bella;
 E baixará dos Céos fiel soccorro
 P'ra traçar-te a paixão que me flagella?

Deliro, amavel Jonia; em vão discorro;
 Confunde me a afflícção que me atropela,
 Mal sei balbuciar que por ti morro.

CXIV

Em fragil lenho o pelago cruzando,
 Nos turbilhões das vagas envolvido,
 A razão se me esvae, perco o sentido,
 Na triste vida minha imaginando:

Cedo a Morpheu: — a mente fluctuando
 Põe ante mim o Deus que impera em Gnido,
 Do arco aguda setta enfurecido
 Vae ao peito de Analia disparando:

Trémulo, insano, exausto, delirante,
 Brado ao numen feroz — “Espera, espera,
 Não firas, poupa um coração constante.,”

N'isto o deus mostra o coração da fera;
 Vi-te pérfida, e disse agonisante:
 “Da lembrança riscar-te, ah! quem pudera!,”

CXV

Quiz, Marilia gentil, cantar teu dia,
 Teu dia grato a Amor, grato á Ventura,
 Pintar-te a graça, o riso, a formosura,
 Princípios de ineffavel sympathia :

Ao pae da claridade e da harmonia
 Roguei canções de singular brandura;
 Mas sempre mais e mais a mente escura
 N'um tumulo de idéas se perdia:

Eis o deus, que da aurora aviva os lumes,
 Me diz — “Porque tens nome entre os humanos,
 Objectos divinaes cantar presumes?

“Subjuga dentro d'alma os sons profanos;
 Muda em culto o louvor; celebram numes,
 Mortaes adorem de Marilia os annos,

CXVI

Tu és meu coração, tu és meu nome;
 Não vive para mim do mundo o resto;
 A morte, a vida, os céos, meu fado atesto,
 Meu fado, que em teus olhos se resume.

Mas com frequente, risrido queixume
 Os mimosos ouvidos te molesto;
 Dias d'ouro, e de amor (ah!) toldo, empesto
 Co'as trevas mais que horriveis do ciume.

Olho-te as graças, olho-te a belleza,
 E cuido que enfeitiças por meu damno
 Quantos entes abrange a Natureza!

Soccorre, doce Marcia, o triste Elmano;
 Oh! Que infernal tormento o da incerteza!
 Ao menos é só morte e desengano.

CXVII

Quando meu coração de Amor vivia,
 (Ufana a liberdade em vêr-se escrava)
 E quando para mim se variava
 O céo n'um riso, o céo n'um ai d'Armia:

Das escuras irmãs a mais sombria,
 E que mais com seu pêso o mundo aggrava,
 Na vista divinal, que me encantava,
 Roubou luz á minha alma, e luz ao dia:

Não mais, Dôr, fado meu, Dôr, meu costume;
 Cedo a paz gosarei, que o peito anhela,
 Nos olhos do meu bem, do céo já lume:

Junto á nympha immortal na estancia bella
 Os dias perennaes, que vive um nome,
 Irei (nome em ser seu) viver com ella.

CXVIII

Noite, amiga de Amor, calada, escura,
 Elia engrossa os teus véos, os teus horrores;
 Em quanto vou gosar de mil favores
 Sobre o doce theatro da ternura:

Marilia, mais gentil, e até mais pura
 Que as ledas Graças, que as mimosas flôres,
 Velando ás mudas horas dos Amores
 Receia o casto pejo, que murmura:

Em deleitoso e tacito retiro,
 Suspensa entre o temor, entre o desejo,
 Fluctua a bella, a cuja posse aspiro:

Ah! já nos braços meus a aperto e beijo!
 Já, desprendendo um languido suspiro,
 No seio do prazer se absorve o pejo.

CXIX

De homens e numes suspirado encanto,
 Lilia, innocent como virgem rosa,
 Lilia mais branda, Lilia mais formosa
 Que a nympha etherea, de puniceo manto:

Eu, e os Amores, que perderam tanto,
 Damos te ás cinzas oblação mimosa;
 Curva gotteje minha dôr saudosa
 Na molle offrenda, que requer meu pranto:

Em teu sagrado, perennal retiro,
 Disponho ao som de languidas querelas,
 A rosa, o cravo, a tulipa, o suspiro:

Medrae no chão de amor, florinhas bellas...
 Ah! Lilia, eu goso o Céo! . . Lilia, eu respiro
 Tua alma pura na fragancia d'ellas!

CXX

Da fria habitação, da vitria gruta
 Alça o Callipo a fronte salitrosa;
 E risonho penteia a nunca enxuta
 Alva melena, rispida, e limosa;

Em torno d'elle a modular se escuta
 Chusma de nymphas candida, e formosa;
 Dos ventos o tropel bramindo lucta
 Lá na eolia masmorra cavernosa:

Dando lascivos osculos nas fiôres
 Gratos effluvios Zephiro derrama,
 Destaz do inverno os malditos vapores:

Almo prazer os corações inflamma,
 Tudo respira amor, tudo louvores
 Ao festivo natal do illustre Gama.

CXXI

Da triste, bella Ignez, inda os clamores
 Andas, Echo chorosa, repetindo;
 Inda aos piedosos Céos andas pedindo
 Justiça contra qs impíos matadores;

Ouvem-se ainda na fonte dos Amores
 De quando em quando as nayades carpindo;
 E o Mondego, no caso reflectindo,
 Rompe irado a barreira, alaga as fiôres:

Inda altos hymnos o universo entoa
 A Pedro, que da morta formosura
 Comvosco, Amores, ao sepulcro vña:

Milagre da belleza, e da ternura!
 Abre, desce, olha, gême, abraça e c'rõa
 A malfadada Ignez na sepultura.

CXXII

De radiosas virtudes escoltada
 Déste immaturo adeus ao mundo triste,
 Co'a mente no almo polo, onde existe
 Bem, que sempre se gosa, e nunca enfada:

Á fouce, a segar vidas destinada,
 Mansissima cordeira o collo uniste;
 O que é do Céo ao Céo restituiste,
 Restituiste ao nada o que é do nada:

E inda gemo, ainda choro, alma querida,
 Teu fado amigo, tua dita immensa,
 Que em vez de pranto a jubilo convida!

Ah! Pio accôrdo minha máguia vença;
 É captiveiro para o justo a vida,
 A morte para o justo é recompensa.

CXXIII

Tu, maligno dragão, cruel harpia,
 Monstro dos monstros, furia dos infernos,
 Que em vil murmuração, ralhos eternos
 Estragas sem descânco a noite e o dia:

Tu, que nas horas, em que o mocho pia,
 Calumniaste meus suspiros tenros,
 Sacode a carga de noventa invernos
 Nas descarnadas mãos da morte fria:

Cáe de chofre no barathro profundo,
 Cáe nas entranhas da voraz fornalha,
 Deixa em socêgo o miserável mundo:

E entre a maldita, répobra canalha,
 Lá bem longe de nós, lá bem no fundo,
 Arde, murmura, amaldiçõa e ralha.

CXXIV

Olhos suaves, que em suaves dias
 Vi nos meus tantas vezes empregados
 Vista, que sobre esta alma despedias
 Deleitosos farpões, no céo forjados;

Santuários de amor, luzes sombrias,
 Olhos, olhos da cõr de meus cuidados,
 Que podeis inflammar as pedras frias,
 Animar os cadáveres mirrados:

Troquei-vos pelos ventos, pelos mares,
 Cuja verde arrogancia as nuvens toca,
 Cuja horrisona voz perturba os ares:

Troquei-vos pelo mal que me suffoca;
 Troquei-vos pelos ais, pelos pesares:
 Oh! cambio triste! oh! deploravel troca!

CXXV

Da perfida Gertruria o juramento
 Parece me que estou inda escutando,
 E que inda ao som da voz suave e brando
 Encolhe as azas, de encantado, o vento:

No vasto, infatigavel pensamento
 Os mimos da perjura estou notando...
 Eis Amor, eis as Graças festejando
 Dos ternos votos o feliz momento

Mas, ah!... Da minha rapida alegria
 Para que accendes mais as vivas cõres,
 Lisonjeiro pincel da phantasia?

Basta, cega paixão, loucos amores;
 Esqueçam-se os prazeres de algum dia,
 Tão bellos, tão duraveis como as flores.

CXXVI

Em quanto os bravos, formidaveis Notos,
 Por entre os cabos trémulos zunindo,
 O fendente baixel vão sacudindo
 A climas, do meu clima tão remotos:

Em quanto de Nereu continuos motos
 Na vacillante pôpa estou sentindo,
 Ao meu ídolo amado, ausente, e lindo,
 Fórmo nas mãos d'Amor sagrados votos:

Mordaz tristeza o coração me corte,
 Soffra tudo, ó Gertruria, por amar-te,
 Farte-se embora a cólera da sorte:

Mas talvez (ai de mim !) que se não farte
 Que ou tua variedade, ou minha morte
 Me roube as esperanças de lograr-te.

CXXVII

Usurpando um minuto a meu lamento
 Amigo somno os olhos me occupava,
 E enquanto o debil corpo descansava,
 Velava amor, velava o pensamento:

Eis que em deserto e lugubre aposento,
 Que semi-morta luz mais afeiava,
 Cri, Gertruria (ai de mim !), que te avistava
 Já sem côn, já sem voz, já sem alento:

Subito acordo em lagrimas banhado,
 E, das trevas palpando o véo medonho,
 Em vão busco teu corpo delicado:

Mas inda em ancias trémulo supponho
 Que me vaticinou meu negro fado
 Dos males o peor no horrivel sonho.

CXXVIII

Alva Gertruria minha, a quem saudoso
 Mando trémulos ais enternecidos;
 Gertruria, que encantaste os meus sentidos
 Co'um meigo riso, co'um olhar piedoso:

Amor, o injusto Amor, nume doloso,
 Insensivel penedo a meus gemidos,
 Me exhala sobre os timidos ouvidos
 Estas vozes crueis em tom raivoso;

"Tu, que já desfructaste os meus favores,
 Tu, que na face de Gertruria bella
 Nectar bebeste, mitigatione ardore,

Não tornarás, não tornarás a vê-l-a:
 Lamenta, desditoso, os teus amores.
 Accusa, desgraçado, a tua estrella.,

CXXIX

Sonhei que nos meus braços inclinado
 Teu rosto encantador, Gertruria, via;
 Que mil ávidos beijos me soffria
 Teu niveo collo, para os mais sagrado:

Sonhei que era feliz por ser ousado,
 Que o siso, a fôrça, a voz, a côr perdia
 N'um extasis suave, em que bebia
 O nectar nem por Joveinda libado:

Mas no mais doce, no melhor momento
 Exhalando um suspiro de ternura
 Accordo, acho-te só no pensamento:

Ó destino cruel! Ó sorte escura!
 Que nem me dure um vão contentamento!
 Que nem me dure em sonhos a ventura!

CXXX

Eu me ausento de ti, meu patrio Sado,
 Mansa corrente deleitosa, amena,
 Em cuja praia o nome de Filena
 Mil vezes tenho escripto, e mil beijado:

Nunca mais me verás entre o meu gado
 Soprando a namorada e branda avena,
 A cujo som descias mais serena,
 Mais vagarosa para o mar salgado:

Devo emfim manejar por lei da sorte
 Cajados não, mortiferos alfanges
 Nos campos do colerico Mavorte;

E talvez entre impavidas phalanges
 Testemunhas farei da minha morte
 Remotas margens, que humedece o Ganges.

CXXXI

Do Mandovi na margem reclinado
 Chorei debalde a minha negra sina,
 Qual o misero vate de Corina
 Nas tomitanas praias desterrado:

Mais duro fez alli meu duro fado
 Da vil calumnia a lingua viperina;
 Até que aos mares da longinqua China
 Fui por bravos tufões arremessado;

Atassalhou-me a serpe, que devora
 Tantos mil, perseguiu-me o gran'gigante
 Que no terrivel promontorio mora:

Por barbaros sertões gemi vagante;
 Falta-me inda o peor, falta-me agora
 Vêr Gertruria nos braços d'outro amante!

CXXXII

Praias de Sacavem, que Lemnoria
 Orna c'os pés nevados e mimosos,
 Gottejantes penedos cavernosos,
 Que do Tejo cobris a margem fria:

De vós me desarreiga a tyrannia
 Dos asperos destinos poderosos;
 Que não querem que eu logre os amoresos
 Olhos, aonde jaz minha alegria:

Ó funesto, ó penoso apartamento!
 Objecto encantador de meus sentidos,
 A sorte o manda assim, de ti me ausento:

Mas inda lá de longe os meus gemidos
 Guiados por Amor, cortando o vento,
 Virão, nympha querida, a teus ouvidos.

CXXXIII

Camões, grande Camões, quam semelhante
 Acho teu fado ao meu, quando os cotejo!
 Egual causa nos fez perdendo o Tejo
 Arrostar c'o sacrilego gigante:

Como tu, junto ao Ganges sussurrante
 Da penuria cruel no horror me vejo;
 Como tu, gostos vãos, que em vão desejo,
 Tambem carpindo estou, saudoso amante;

Ludibrio, como tu, da sorte dura
 Meu fim demando ao Céo, pela certeza
 De que só terei paz na sepultura:

Modélo meu tu és... Mas, ó tristeza!...
 Se te imito nos transes da ventura,
 Não te imito nos dons da natureza.

CXXXIV

Adeja, coração, vae ter aos lares,
 Ditosos lares que Gertruria pisa ;
 Olha, se inda te guarda a fé, mais liza,
 Vê, se inda tem pesar dos teus pesares ;

No fulgor de seus olhos singulares
 Crestando as azas, tua dôr suavisa,
 Amor de lá te chama, te divisa,
 Interpostos em vão tão longos mares :

Dize-lhe, que do tempo o leve giro
 Não faz abalo em ti, não faz mudança,
 Que ainda lhe és fiel n'este retiro :

Sim, pinta-lhe immortal minha lembrança ;
 Dá-lhe teus ais, e pede-lhe um suspiro,
 Que alente, coração, tua esperança.

CXXXV

Ah ! que fazes, Elmano ? Ah ! Não te ausentes
 Dos braços de Gertruria carinhosa :
 Trocas do Tejo a margem deleitosa
 Por barbaro paiz, barbaras gentes ? .

Um tigre te gerou, se dó não sentes
 Vendo tão consternada, e tão saudosa
 A tagide mais linda, e mais mimosa ;
 Ah ! Que fazes, Elmano ? ah, não te ausentes

Teme os duros cachopos, treme, insano,
 Do enorme Adamastor, que sempre vela
 Entre as furiás, e os monstros do Oceano :

Olha nos labios de Gertruria bella
 Como suspira Amor!... Vê, vê, tyranno,
 As Graças a chorar nos olhos d'ella !

CXXXVI

Deixar, amado bem, teu rosto lindo,
 Teus afagos deixar, tua candura,
 Tanto me opprime, que da morte escura
 Sobre mim negras sombras vem cahindo.

Eu parto, e vou teu nome repetindo,
 Porque dê desafôgo á máguia dura;
 Meus tristes ais, suspiros de amargura
 A quem dos mares ficarás ouvindo:

Mas se me cercam no cruel transporte
 Quantas furias o barathro vomita,
 Se meu mal é peor que a mesma morte

O fado em me aterrarr em vão cogita!
 Com todo o seu poder não pode a sorte
 Tua imagem riscar d'esta alma afficta!

CXXXVII

Não mais, ó Tejo meu, formoso e brando,
 A' margem fertil de gentis verdores,
 Terás d'alta Ulysséa um dos cantores
 Suspiros no aureo metro modulando:

Rindo não mais verás, não mais brincando
 Por entre as nymphas, e por entre as flores,
 O côro divinal dos nûs Amores,
 Dos Zephyros azues o affavel bando:

Co'a fronte já sem myrtho, e já sem louro,
 O arrebata de rôjo a mão da Sorte
 Ao clima salutar, e á margem d'ouro:

Eil-o em fragas de horror, sem luz, sem norte,
 Sôa d'aqui, d'alli piado agouro;
 Sois vós, destérro eterno, ermos da morte!

CXXXVIII

Já por barbaros climas entranhado,
 Já por mares inhospitos vagante,
 Víctima triste da fortuna errante,
 Té dos mais despreziveis desprezado:

Da fagueira esperança abandonado,
 Lassas as fôrças, pallido o semblante,
 Sinto rasgar meu peito a cada instante
 A máguia de morrer expatriado:

Mas, ah! Que bem maior, se contra a sorte
 Lá do sepulcro no sagrado hospicio
 Refugio me promette a amiga Morte !

Vem, pois, ó nume aos miserios propicio,
 Vem, livrar-me da mão pesada e forte,
 Que de rastos me leva ao precipicio!

CXXXIX

Aquelle, a quem mil bens outorga o Fado,
 Deseje com razão da vida amigo
 Nos annos egualar Nestor, o antigo,
 De tresentos invernos carregado.

Porém eu sempre triste, eu desgraçado,
 Que só n'esta caverna encontro abrigo,
 Por que não busco as sombras do jazigo,
 Refugio perduravel, e sagrado?

Ah! bebe o sangue meu, tóscua morada;
 Alma, quebra as prisões da humanidade,
 Despe o vil manto, que pertence ao nada!

Mas eu tremo!... Que escuto!... É a Verdade,
 É ella, é ella que do Céo me brada:
 Ó terrivel pregão da eternidade!

CXL

Qual novo Orestes entre as Furias brada,
Infeliz, que não crês no Omnipotente;
Com sistema sacrilego desmente
A razão luminosa, a fé sagrada:

Tua barbara voz eguale ao nada
O que em todas as cousas tens presente;
Basta que o sabio, o justo, o pio, o crente
Louve a mão, contra os maus, do raio armada.

Mas vê, blasphemó atheu, vê, monstro horrendo,
Que a bruta opinião, que cégo expressas,
Assi mesma se está contradizendo:

Pois quando de negar um Deus não cessas,
De tudo o inerte Acaso auctor fazendo,
No Acaso, a teu pesar, um Deus confessas!

CXLI

Se a minha lastimosa desventura
Irreparavel é, se trago escripto
No rosto côr da morte o meu delicto,
Que louca idéa os passos me segura?

Ah! Some-te, infeliz, foge, e procura
Margens quaes as do livido Cocytro,
Brenhas, mattas, sertões, errante, afflito,
Até que vás parar na sepultura:

O' nume enganador, nume falsario !
O' lubrica Fortuna de quem régo
Em vão com triste pranto o santuario !

Já sem violencia em tuas mãos me entrego ;
Sim, vária, aqui me tens inda mais vário,
Cega, a ti me abandono, inda mais cego !

CXLI

O' Deus, ó rei do céo, do mar, da terra,
 (Pois só me restam lagrimas, clamores)
 Suspende os teus horrisonos furores,
 O corisco, o trovão, que a tudo aterra :

Nos subterraneos carceres encerra
 Os porcellosos monstros berradores,
 Que enchendo os ares de infernaes vapores,
 Parece que entre si travaram guerra,

Para nós compassivo os olhos lança,
 Perdõa ao fraco lenho, attende ao pranto
 Dos tristes que em ti põem sua esperança !

As densas trevas despedaça o manto,
 Faze, em signal de proxima bonança,
 Brilhar no ethereo tope o lume santo !

CXLII

Apenas vi do dia a luz brilhante
 Lá de Tubal no emporio celebrado,
 Em sanguineo caracter foi marcado
 Pelos Destinos meu primeiro instante.

Aos dois lustros a morte devorante
 Me roubou, terna mãe, teu doce agrado ;
 Segui Marte depois, e emfim meu fado
 Dos irmãos, e do pae me poz distante :

Vagando a curva terra, o mar profundo,
 Longe da patria, longe da ventura
 Minhas faces com lagrimas inundo :

E enquanto insana multidão, procura
 Essas chimeras, esses bens do mundo,
 Suspiro pela paz da sepultura.

CXLIV

No ethereo prado a lua apascentava
 Das estrellas o nitido rebanho,
 Quando o misero Almeno em clima estranho
 De negro bosque as sombras penetrava :

"Silencio, em cujo horror, que a vista agrava,
 Qual phantasma noctivago me entranho !
 Sofre (dizia) os prantos, com que banho
 De um crime a nodoa, que o chorar não lava.

"Soffre os gritos... mas ai! que sem piedade
 Por entre folha e folha a luz procura
 Furtar-me o triste bem da escuridade !

Onde te heide escapar, ó sorte dura,
 O' cruel, insoffrivel claridade ?
 Já sei onde, já sei — na sepultura !,

CXLV

Sobre os contrarios o terror e a morte
 Dardeje embora Achilles denodado,
 Ou no rapido carro ensanguentado
 Leve arrastos sem vida o Teucro forte :

Embora o bravo Macedonio corte
 Co'a fulminante espada o nó fadado,
 Que eu de mais nobre estimulo tocado,
 Nem lhe amo a gloria, nem lhe invejo a sorte :

Invejo-te, Camões, o nome honroso ;
 Da mente creadora o sacro lume,
 Que exprime as furias de Lyéo raivoso :

Os ais de Ignez, de Venus o queixume,
 As pragas do gigante proceloso,
 O céo de Amor, o inferno do Ciume.

CXLVI

Ser prole de varões assignalados,
 Que nas azas da fama e da victoria
 Ao templo foram da immortal Memoria
 Pendurar mil trophéos ensanguentados:

Lêr seus nomes nas paginas gravados
 D'alta epopéa, d'elegante historia,
 Não, não vos serve d'esplendor, de gloria,
 Almas soberbas, corações inchados!

Ouvir com dôr o miseravel grito
 De innocentes, que um barbaro molesta,
 Prezar o sabio, consolar o afflito;

Prender teus vôos, Ambição funesta,
 Ter amor á virtude, odio ao delicto,
 "Das almas grandes a nobreza é esta.."

CXLVI

Adamastor cruel! De teus furores
 Quantas vezes me lembro horrorizado!
 O' monstro! Quantas vezes tens tragado
 Do soberbo oriente os domadores!

Parece-me que entregue a vis traidores
 Estou vendo Sepulveda afamado,
 Co'a esposa, e c'os filinhos abraçado,
 Qual Mavorte com Venus e os Amores

Parece-me que vejo o triste esposo,
 Perdida a tenra prole, e a bella dama,
 A's garras dos leões correr furioso:

Bem te vingaste em nós do afonto Gama!
 Pelos nossos desastres és famoso;
 Maldito Admastro! Maldita fama!

CXLVIII

Cala a bôcca, satirico poeta,
 Não te mettas no rol dos maldizentes;
 Não tragas os mestícos entre dentes,
 Restitue ao carcaz a hervada setta;

Dizes que é má nação, que é casta abjecta,
 Fructo de enxertos vis? Irra! Tu mentes;
 Vae vêr-lhe os seus papeis; são descendentes
 Do solar d'Hidalcão por linha recta:

Vem d'heroes, quaes não viu Carthago ou Roma;
 De seus avós, andantes cavalleiros,
 A chusma de brazões não cabe em somma:

E (se não mentem certos novelleiros)
 A muitos d'elles concedeu Mafoma
 O fôro de fidalgos escudeiros.

CXLIX

Tu, Goa, *in illo tempore* cidade,
 Sempre tens habitantes de bom lote!
 Não receiam que a cõr se lhes desbote,
 Privilegio da mista qualidade:

Nenhum ha, que não conte, e sem vaidade,
 Que seu primeiro avô, brutal Quixote,
 Dera no padre Adão com um chicote
 Por lhe haver disputado a antiguidade:

Diz-nos esta republica de loucos
 Que o cofre do Marata é ninharis,
 Que do gran'Turco os redritos são poucos:

Mas em casando as filhas, quem diria
 Que o dote consistisse em quatro côcos,
 Um cafre, dez bajús, e a senhoria!

CL

Lusos heróes, cadaveres sédiços,
 Erguei-vos d'entre o pó, sombras honradas,
 Surgi, vinde exercer as mãos mirradas
 N'estes vis, n'estes cães, n'estes mestiços:

Vinde salvar d'estes pardaes castiços
 As searas de arroz, por vós ganhadas;
 Mas ah! poupaes-lhes as filhas delicadas,
 Que ellas culpa não teem, teem mil feitiços:

De pavor ante vós no chão se deite
 Tanto fusco rajá, tanto nababo,
 E as vossas ordens trémulo respeite:

Vão para as varzeas, leve-os o Diabo;
 Andem como os avós, sem mais enfeite
 Que o langotim, diametro do rabo.

CLI

Das terras a peor tu és, ó Goa.
 Tu pareces mais ermo, que cidade;
 Mas alojas em ti maior vaidade
 Que Londres, que Paris, ou que Lisboa:

A chusma de teus incolas pregôa
 Que excede o gran Senhor na qualidade;
 Tudo quer senhoria; o proprio frade
 Allega, para têl-a, o jus da c'rôa!

De timbres prenhe estás; mas ouro e prata
 Em cruzes, com que d'antes te benzias,
 Foge a teus infanções de bolsa chata:

Oh! que feliz, e esplendida serias,
 Se algum fusco Merlim, que faz bagata,
 Te alborcasse a pardáus as senhorias!



CLII

Eu vim c'roar em ti minhas desgraças,
 Bem como Ovidio misero entre os gétas,
 Terra sem lei, madrasta de poetas,
 Estuporada mãe de gentes baças :

Teus filhos, antes cães de muitas raças,
 Que não mordem com dentes, mas com tretas,
 E que impingir nos vem, como a patetas,
 Gatos por lebres, ostras por vidraças :

Tens várias casas, armazens de ratos,
 Tens febres, mordachins em demasia,
 De que escapamos a poder de tratos :

Mas a tua peor epidemia,
 O mal que em todos dá, que produz flatos,
 É a vã, negregada senhoria.

CLIII

Quer vêr uma perdiz chocar um rato,
 Quer ensinar a um burro anatomia,
 Exterminar de Goa a senhoria,
 Ouvir miar um cão, ladrar um gato:

Quer ir pescar um tubarão no mato,
 Namorar nos serralhos da Turquia,
 Escaldar uma perna em agua fria,
 Vêr uma cobra castiçar co'um pato:

Quer ir n'um dia de Surrate a Roma,
 Lograr saude sem comer dois annos,
 Salvar se por milagre de Mafoma:

Quer despir a basofia aos castelhanos,
 Das penas infernaes fazer a somma,
 Quem procura amizade em vís gafanos.

CLIV

Pilha aqui, pilha alli, vozeia auctores,
 Montesquieu, Mirabeau, Voltaire, e vários;
 Propõe systemas, tira corolarios,
 E usurpa o tom d'emphaticos doutores:

Sciencia de livreiros e impressores
 Traz da vasta memoria nos armarios;
 E tractando os christãos de visionarios,
 Só rende culto a Venus, e aos Amores:

A mulher, que a barriga lhe tem fôrra
 Do jugo da vital necessidade,
 Deixa em casa gemer, como em masmorra

Este biltre, labeo da humanidade.
 É um tal zote, um bacharel de borra;
 Tem de um burro o juizo, e a castidade.

CLV

Tragedia de Tancreu, rei de Disuria,
 Original em plano, atroz no enredo;
 Tem actos dez, o heróe morre de medo,
 Depois de onze minutos de lamuria:

Tragedia de Rum rum, sultão da Incuria,
 Que honrar a patria ha de ir um dia cedo;
 Pregão, baraço, açoutes, e degredo
 Pilha o protagonista, e lambe a injuria:

Peça de Gorgorão, rei de Biôco,
 Terra ao norte da Lybia, ao sul do mappa,
 A accção vem nos Annaes de Manuel Côco:

Eis com que ao Lethes o aranhiço escapa:
 Tem mais sete em borrhão, que dentro em pouco
 Aos zangões do café irão dar pápa.

CLVI

Quarta-feira quatorze do corrente
 Se apresenta outra vez com bom scenario
 No Salitre a comedia do "Antiquario,"
 A que tem concorrido immensa gente:

É obra traduzida novamente
 Por um poeta, amigo do empresario,
 Memorião, que engole um diccionario,
 E orna de verdes pampanos a frente:

Em logar d'entremez se hade seguir
 Do Franco a grande peça curiosa,
 Tragedia de "Sesostris," que faz rir:

Tem versos naturaes; parecem prosa!
 Que venha o nobre publico applaudir
 Espera a companhia obsequiosa.

CLVII

Em vermelho cartaz propôz-se á scena
 Lusa tragedia, que a nação gloria;
Do gran Nuno Gonçalves de Faria,
 Producção singular de uma habil penna:

No acto primeiro Elvira, em não pequena
 Fala, maldiz da guerra a sanha impia:
 Amante, irmão, e pae vem á profia
 Tudo zangar co'a mesma cantilena:

Heroicidade em versos cento e cento;
 Engana o heroe o hispano, morre á espada,
 Lugubre a final lê-se um testamento:

De nupcias houve certa misturada;
 Findou-se o drama, pôz-se em movimento
 Na bôcca o riso, o pé com pateada.

CLVIII

Dos torridos sertões, pejados d'ouro,
 Sahu um sabichão d'escassa fama,
 Que os livros préza, os cartapacios ama,
 Que das linguas repartem o thesouro:

Arranha o persiano, arranha o mouro,
 Sabe que Deus em turco *Allah* se chama;
 Que no grego alfabeto o G é *gamma*,
 Que *taurus* em latim quer dizer touro:

Para papaguear sahiu do mato:
 Abocanha talentos, que não gosa;
 É mono, e prega unhadadas como gato:

É nada em verso, quasi nada em prosa:
 Não conheces, leitor, n'este retrato
 O guapo charlatão Thomé Barbosa?

CLIX

Amigo Frei João, cuidas que é barro
 O fumoso tabaco por que bérro?
 Um nigromante me transforme em perro,
 Se ha coisa para mim como o cigarro!

Elle me arranca pegajoso escarro,
 Que nas fornalhas d'este peito encerro:
 O frio, as afflictções de mim desterro,
 Quando lhe lanço a mão, quando lhe agarro:

De vicio tal, se é vicio, não me corro;
 E só tomo rapé, simonte, ou esturro,
 Quando quero zangar algum cachorro.

Amigo Frei João, não sejas burro;
 Dize bem do cigarro senão morro:
 Traze-me lume já, ou dou-te um murro!

CLX

Esse cabra, ou cabrão, que anda na berra,
 Que mammou no Brasil surra e mais surra,
 O vil estafador da vil bandurra,
 O perro, que nas cordas nunca emperra :

O monstro vil, que produziste, ó terra,
 Onde narizes natureza esmurra,
 Que os seus nadas harmonicos empurra,
 Com parda voz, das paciencias guerra :

O que sáe no focinho á mãe cachorra,
 O que nescias applaudem mais que a "Myrrha,"
 O que nem veiu de prosapia fôrra :

O que afina inda mais quando se espirra,
 Merece á philosiphica pachorra
 Um corno, um passa fora, um arre, um irra.

CLXI

Vivem por hí algumas de várias tretas,
 Com um, eu esbravejo, com outros mango ;
 Que opio dás ao machete orangotango,
 Tu, gloria das carrancas semi-pretas !

Quando acompanhas de infernaes caretas
 Insipido londum, ou vil fandango,
 Não posso tal soffrer : eu ardo, eu zango,
 Que no auge do assombro te intromettas :

Crespo Arion, Orpheu de carapinha,
 Já dé sobejo tens fartado a gana
 No seio da formosa patria minha :

Com o faro de chulice americana
 Para o cálido sul cortando a linha
 Vae cevar te no côco, e na banana.

CLXII

Conhecem um vigario de chorina,
De insulsa phrase, de relé maruja?
Sapo immundo, que bebe, ou que babuja
No que deita por fora a Cabalina?

Este é um tal Franco, um tal sovina,
Que orelhas mil e mil com trovas suja,
Digno rival do mocho, e da coruja
Quando a voz desenfreia, a banza afina:

Faz versos em francez, francez antigo,
Em giria de Veneza, e finalmente
Em corrupto hespanhol; leve o castigo:

Elle diz que são bons, e os mais que mente;
Põe mãos á obra, faze o que te digo,
Chicoteia esse bruto, e crê na gente.

CLXIII

O mundo a porfiar que o Franco é tólo,
O Franco a porfiar que o mundo mente!
Irra! o padre vigario é insolente,
Raspem-lhe as mãos, e fervam-lhe o carolo :

Da brilhante razão jámais o rôlo
Lhe entrou no casco, lhe raiou na mente;
Mas como a natureza é providente,
Com a basofia suppre-lhe o miolo.

Ora, vão trovador do "Heroe do Egypto",
Tu não ouves, não vês o que se passa
A'cérca dos papeis, que tens escripto?

A copia de "Gessner, deu-se de graça;
"Psyche, jaz de cappella e de palmito;
"Sesostris, infeliz morreu de traça.

CLXIV

Havia mais de um mez que o bom Lizeno
 Fechar sequer um ôlho não podia;
 Submettido á fatal sabedoria
 Do respeitavel medico pequeno:

Hippocrates d'aqui, d'alli Galeno
 Revolvia o tacão na livraria;
 Remedios contra a insomnia requeria,
 Porém cada receita era um veneno:

Eis do Franco lhe lembra em continente
 Cada verso, mais duro do que um tronco,
 E *recipe* de alguns forma ao doente:

Em curta dóze applica o metro bronco;
 Receitou-lhe um terceto; eis de repente
 Começa a bocejar, e prega um ronco.

CLXV

Li as quatorze regras aos pennachos,
 A trova que as orelhas nos magôa;
 Viva a maruja phrase — *Estou na próa...* —
 Modêlo singular de termos baixos!

A lembrança dos bois, burros, e machos
 É lembrança feliz, é coisa boa!
 Pois o palheiro, que sem peso via!...
 Isso dá jús á cilha e berbicachos:

O logar onde a mão findou seis linhas
 Podia muito bem ficar em branco,
 Sem fazer falta ás pobres das vizinhas:

O quinto indigno verso é quasi manco;
 A idéa tem mais sal que tres marinhas;
 E a córnea conclusão laureia o Franco!

CLXVI

Volve a Peniche, ó zanga de Lisboa,
 O testa capataz das ôcas testas!
 Vive entre os teus eguaes, vive entre as bestas,
 E entre bestas vivendo abate a prôa:

Quem versos sem sabor produz á tôa
 Só nos pôde brindar com obras d'estas;
 Deixa brilhar nas procissões, nas festas
 Nymphas de quem cupido em torno vêa:

Mais bruto do que os bois, burros, e machos,
 Ao lindo sexo amavel dás batalha,
 Porque talvez te ornou de alguns pennachos!

No amor da experta Nize achaste falha,
 Ou antes o fervor, que vem dos cachos,
 Te fez, tôsco palheiro, arder a palha.

CLXVII

Rapada, amarellenta cabelleira,
 Vesgos olhos, que o chá, e o dôce engoda;
 Bôcca, que á parte esquerda se accommoda,
 (Uns affirmam que fede, outros que cheira:)

Japona, que da ladra andou na feira;
 Ferrugento fain, que já foi moda
 No tempo em que Albuquerque fez a poda
 Ao soberbo Hidalcão com mão guerreira:

Ruço calcão, que *espipa* no joelho,
 Meia e sapato com que ao lôdo avança,
 Vindo a encontrar-se c' o esburgado artelho:

Jarra, com appetites de creança;
 Cara com semelhança de besbelho;
 Eis o bedel do Pindo, o doutor França.

CLXVIII

Melizeu, o menor entre os nascidos,
 De tace cadaverica e nojosa,
 Phtisico em verso, apoquentado em prosa,
 Horrido aos olhos, horrido aos ouvidos:

Soltando dissonantes alaridos
 Da bôcca transversal, erma, e gulosa,
 Insulta a quem de Phebo os mimos gosa,
 Estafa-se em preceitos não cumpridos:

Ao vate Elmano plagiario chama,
 Sendo o mais desprezivel plagiario,
 Que o que pilha desluz, corrompe, infama:

Profanador do Aonio santuario,
 Lobis homem do Pindo, orneia, ou brama,
 Até findar no inferno o teu fadario!

CLXIX

Esse cantor de chá, manteiga, e queijo,
 Rato que róe do Caldas a substancia,
 Pygmeu de insupportavel arrogancia,
 Que morde mais que pulga, ou persevejo:

Accesso no phrenetico desejo
 D'exceder dos Quixotes a constancia,
 A' frondosa Funchal mandou com ancia
 Atado em verde fita um triste beijo:

Pendia em tiracollo ao deus frêcheiro
 A terna off'renda; eis Zephyro ladino
 O beijinho impelliu para o traseiro:

Quintanilha! Que opprobrio! Que destino!
 Mimo, que ia ao teu bem, tocou primeiro
 O nedio .. do trêfego menino!

CLXX

Intruso no Apollineo santuario,
 Dar leis a cégos, illudir pedantes,
 Uivar entre as phreneticas bacchantes,
 Qual vago lobis-homem em seu fadario:

Voar de diccionario em diccionario,
 Pilhando aqui e alli porções brilhantes;
 Aguarentar com mãos surripiantes
 pygmeu de Cintra, teu verboso erario:

Por fôfos versos compassar tregeitos,
 Converter em trovão qualquer suspiro,
 Em tarda prosa chan roncar preceitos:

Com remendadas purpuras de Tyro
 Vestir absurdos, embuçar defeitos;
 Eis os progressos do pavão Belmiro.

CLXXI

Belmiro, que entre os pampanos farfalha,
 Affectando entoar canções divinas,
 Fez, cansado d'asneiras pequeninas,
 Uma, que até percebe a vil gentalha:

N'esse idyllio, em que Fauno irado ralha,
 O divino amador das phrases finas
 Pôz o cornudo Pan, deus das campinas,
 De bruços a beber na vinea talha:

Um nume, que apesar do pé caprino
 Teve altar, teve incenso, e reverencia,
 Jaz na classe das bestas? Irra! afino!

Que mesquinhez do vate, e que insolencia
 Tudo por cinco réis, quando o mofino
 Co'um pucaro poupava esta indecencia!



CLXXII

Junto ao Tejo, entre os tenros Amorinhos,
 As belmiricas musas pequeninas,
 Para agradar a estupidas meninas
 Haviam fabricado uns bonequinhos:

Com elles os travessos rapazinhos,
 Que são mui folgazões, e mui traquinas,
 Armaram mil subtis alicantinas,
 E os lançaram depois n'uns bispotinhos:

Eis tagide louçã de eburneo collo,
 A quem não vencerá, por mais que lucte,
 O nosso Belmirinho, anão de Apollo,

Surge d'agua, e lhe diz: — "Filhinho, escute;
 Olhe com que noticia hoje o consolo!
 É poeta do rei Lilipute!",

CLXXIII

Preside o neto da rainha Ginga
 À corja vil, aduladora, insana:
 Traz sujo moço amostras de chanfana,
 Em copos deseguaes se exgota a pinga:

Vem pão, manteiga, e chá, tudo á catinga;
 Masca farinha a turba americana;
 E o orangotango a corda á banza abana,
 Com gestos e visagens de mendiga:

Um bando de comparsas logo acode
 Do fôfo Conde ao novo Talaveiras;
 Improvisa berrando o rouco bode:

Applaudem de continuo as frioteiras
 Belmiro em dithyrambo, o ex-frade em ode;
 Eis-aqui de Lereno as quartas feiras.

CLXXIV

Vós, ó Franças, Semmedos, Quintanilhas,
 Macedos, e outras pestes condemnadas;
 Vós, de cujas bozinhas penduradas
 Tremem de Jove as melindrosas filhas:

Vós, nescios, que mammaes das vis quadrilhas
 Do baixo vulgo insonsas gargalhadas,
 Por versos máus, por trovas aleijadas,
 De que engenhaes as vossas maravilhas:

Deixaes Elmano, que innocent e honrado
 Nunca de vós se lembra, meditando
 Em cousas sérias, de mais alto estado:

E se quereis, os olhos alongando,
 Eil-o! Vêde-o no Pindo recostado,
 De perna erguida sobre vós

CLXXV

Não tendo que fazer Apollo um dia
 Às Musas disse: "Irmãs, é beneficio
 Vadios empregar; dêmos officio
 Aos socios vãos da magra Academia:

"O Caldas satisfaça a padaria;
 O França d'enjoar tenha exercicio,
 E o auctor do entremez do rei egypcio
 O Pegaso veloz conduza á pia:

"Vá na Ulysséa tasquinhar o ex-frade:
 Da sala o Quintanilha accende as vélas,
 Em se juntando alguma sociedade:

"Bernardes nenias faça, e rôa n'ellas;
 E Belmiro, por ter habilidade,
 Como d'antes, trabalhe em bagatellas.,

CLXXVI

Contra Elmano Sadino urrando avança
 O esteril Corydon, o vão Belmiro,
 Bernardo, o Nenias, lugubre vampiro,
 Que do extinto Miguel possue a herança;

O curto Quintanilha, o torpe França,
 O tonsurado retumbante Elmiro,
 Vibram tiros ao vate, e é cada tiro
 Mais frouxo, que pedrada de creança:

Elmano solta um... eis foge tudo;
 Eis os socios ganindo ao som do traque,
 Quaes do funil appenso os cães no entrudo:

Mas se inda a corja renovar o ataque,
 Bocage que fará? Fôr-se de escudo,
 Perder doze vintens n'um Almanach.

CLXXVII

De insipida sessão no inutil dia
 Juntou-se do Parnaso a galegace;
 Em phrase hirsuta, em gothica linguae
 Belmiro um dithyrambo principia:

Taful, que o portuguez não lhe entendia,
 Nem ao resto da comica salsaç,
 Saca o soneto, que lhe fez Bocage,
 E conheceu se n'elle a Academia:

Dos socios o peor silvou qual cobra,
 Desatou-se em trovões, desfez-se em raios,
 Dando ao triste Bocage o que lhe sobra:

Fez na calunia vil crueis ensaios,
 E jaz com grandes creditos a obra
 Entre mãos de marujos, e lacaios.

CLXXVIII

Tu, França, que na ode és mar em calma;
 Tu, mocho da píeria soledade,
 Bernardo, a quem no horror da escuridade
 Com dois versos á morte o estro acalma:

Quintanilha, pygmeu no corpo e n'alma;
 Da matriz d'Almostér tu, calvo abbade;
 Belmiro, anão de Appollo, e tu, ex-frade,
 Que em trovas de bum-bum levas a palma:

Vates, que mereceis do cardo a rama;
 Turba, que as settas da calumnia afias;
 Momentaneo borrão da alheia fama:

Dá cabo das sessões, com que enfastias;
 Por mão do secretario entrega á chamma
 Papelada servil de ninharias!

CLXXIX

O' triste, malfadada Academia!
 O vate Elmano em satiras se espraiá;
 Fervem correios ao loquaz Talaia,
 Que a todos teu descredito annuncia:

Apollo exulta, o povo te assobia;
 A gloria tua em convulsões desmaia;
 Ah! primeiro que a pobre em terra caia,
 Corte-se o vôo da fatal porfia:

Ao satirico audaz põe duro freio,
 Pune o declamador, que te flagella;
 Dá-lhe assento outra vez no magro seio:

Bem como a quem profana uma donzella,
 Que em pena do affrontoso estupro feio
 Fazem próvidas leis casar com ella.

CLXXX

Deixa, insigne Bocage, insultos vates,
 Que o zélo teu á guerra desafia;
 Brutos são, desconhecem poesia,
 Com as armas de Apollo em vão combates:

Por mais que em corrigil-os te dilates
 Fructo só tirarás d'essa porfia
 Conduzindo-os á alta enfermaria
 Da piedosa casa dos orates:

A Loreno, que é homem de juizo,
 Por muitos versos, cheios de belleza,
 Perdóa, se não gostas de improviso:

O egypcio *entremez* elle despreza;
 Nos outros, socio Elmano, é que é preciso,
 Palhas, dietas, e vergalhada tesa.

CLXXXI

Por casa de Phebo entrou co'um vil bugio ;
 As Musas o animal não conheciam,
 E fugiam assustadas do que viam
 Foi de ventas a terra a pobre Clio :

"Não fujam! Venham cá!... Não é bravio,—
 Gritava o deus; e as manas, que tremiam,
 Todas por uma voz lhe respondiam;
 "Ai! Que bicho tão feio!... Ai! Não me fio!... ,

"Qual feio (acode Apollo) é mui galante;
 E na figura, e gestos, dá mil provas
 De ser em parte aos homens semelhante:

"Caldas o nomeei; com graças novas
 Faz-me estalar de riso a cada instante,
 E em premio lhe concedo o dom das trovas.,

CLXXXII

Lembrou-se no Brasil bruxa insolente
 De armar ao pobre mundo extraña peta;
 Procura um mono, que infernal careta
 Lhe faz de longe, e lhe arranca o dente:

Pilhando-o por mercê do averno ardente,
 Conserva-lhe as feições na face preta;
 Corta-lhe a cauda, veste-o de roupeta,
 E os guinchos lhe converte em voz de gente:

Deixa-lhe os callos, deixa-lhe a catinga;
 Eis entre os lusos o animal sem rabo
 Prole se acclama da rainha Ginga:

Dos versistas se diz modélo, e cabo;
 A sua alta sciencia é a mandinga,
 O seu benigno Apollo é o Diabo.

CLXXXIII

“Não presta Corydon, não presta Elpino,
 Filinto é ninharia, é lixo Alfeno;
 Albano fala só do Tejo ameno,
 Só tardes e manhãs descreve Alcino:

“Trescala aos seiscentistas o Paulino;
 Pois Bocage! Isso é peste, isso é veneno!;
 Roncava charlatão rolho e pequeno,
 Pequeno em corpo, em alma pequenino:

“Quem acha vossemecê (lhe sae d'um lado
 Taful do sério rancho das lunetas)
 Quem acha para versos estremado?,—

Quem! (dis o tal) não façam lá caretas:
 Um, que dos seus papeis anda pejado,
 O aguasil Daniel, cantor de pêtas.,

CLXXXIV

*“Das Petas o Almocreve, é obra tua,
Bem se vê, Daniel, na phrase e gosto;
Adiça tres de Abril, ou seis de Agosto,
E de quem vende as rimas pela rua:*

*Cheira a teu nome o roubo da perúa,
E entre o tostado arroz o gato posto;
Eis a obra melhor, que tens composto,
Inda que de artificio e graça núa:*

*A gente por Lisboa anda pasmada,
Vendo-te farto, e cheio como um ovo
Dos alvos pintos, que te deu por nada*

*E frio de terror murmura o povo
Que a tua estupidez anda pejada,
E que cédo se espera um parto novo.*

CLXXXV

*Tomo segundo á luz sahiu das “Rimas
De José Daniel Rodrigues Costa,”
Obra mui de vagar, mui bem composta,
E sujeita depois a doutas limas:*

*Fala em opios, em manas, fala em primas,
Diz cousas de que a plebe não desgosta,
Morde em peraltas, na relé disposta
A saltos, macaques, pantominas:*

*Por estas, e por outras que tem feito
Verá qualquer leitor nas obras suas
Que elle para versar nasceu com geito:*

*Acham se em tendas, acham-se em commuas;
E para lhe augmentar honra e proveito,
As vende o proprio auctor por essas ruas.*

CLXXXVI

Sanhudo, inexoravel Despotismo,
 Monstro que em pranto, em sangue, a furia cevas,
 Que em mil quadros horrificos te enlevas,
 Obra da Iniquidade e do Atheismo:

Assanhas o damnado Fanatismo
 Porque te escore o throno onde te enlevas;
 Porque o sol da Verdade envolva em trevas,
 E sepulte a Razão n'um denso abysmo:

Da sagrada Virtude o collo pisas,
 E aos satellites vis da prepotencia
 De crimes infernaes o plano gizas:

Mas, apesar da barbara insolencia,
 Reinas só no ext'rior, não tyrannisas
 Do livre coração a independencia.

CLXXXVII

Liberdade, onde estás? Quem te demora?
 Quem faz que o teu influxo em nós não caia?
 Por que (triste de mim!) por que não raia
 Já na esphera de Lysia a tua aurora?

Da santa redempção é vinda a hora
 A esta parte do mundo, que desmaia:
 Oh! Venha... Oh! Venha, e trémulo descaia
 Despotismo feroz, que nos devora!

Eia! Acode ao mortal, que frio e mudo
 Oculta o patrio amor, torce a vontade,
 E em fingir, por temor, empenha estudo:

Movam nossos grilhões tua piedade;
 Nosso numen tu és, e gloria, e tudo,
 Mãe do genio e prazer, ó Liberdade!

CLXXXVIII

Liberdade querida, e suspirada,
 Que o Despotismo acerrimo condena;.
 Liberdade, a meus olhos mais serena
 Que o sereno clarão da madrugada!

Attende á minha voz, que geme e brada
 Por vêr-te, por gosar-te a face amena;
 Liberdade gentil, desterra a pena
 Em que esta alma infeliz jaz sepultada;

Vem, ó deusa immortal, vem, maravilha,
 Vem, ó consolação da humanidade,
 Cujo semblante mais que os astros brilha;

Vem, solta-me o grilhão d'adversidade;
 Dos céos descende, pois dos céos és filha,
 Mãe dos prazeres, dôce Liberdade!

CLXXXIX

A prole de Antenor degenerada,
 O debil resto dos heroes troyanos,
 Em jugo vil de asperrimos tyrannos,
 Tinha a curva cerviz já callejada:

Era triste synonymo do nada
 A morta liberdade envolta em damnos;
 Mas eis que irracionaes vão sendo humanos!
 Graças, ó Corso excuso, á tua espada!

Tu, purpureo reitor; vós, membros graves,
 Tremei na curia da sagaz Veneza;
 Trocam se as agras leis em leis suaves:

Restaura se a razão, cás a grandeza,
 E o feroz despotismo entrega as chaves
 Ao novo redemptor da natureza.

CXC

Não sinto me arrojasse o duro fado
 N'esta abobada feia, horrenda, escura,
 N'esta dos vivos negra sepultura,
 Onde a luz nunca entrou do sol dourado:

Não me consterna o ver me trespassado
 Com mil golpes crueis da desventura,
 Porque bem sei que a fragil creatura
 Raramente é feliz no mundo errado:

Não choro a liberdade, que enleia
 Tenho em ferreas prisões, e a paz ditosa,
 Que voou da minh'alma attribulada:

Só sinto que Marilia rigorosa
 Entre os braços de Aonio reclinada
 Zombe da minha sorte lastimosa.

CXCI

N'esta, do feio opprobio estancia feia,
 Que abafas, mãe das trevas, com teu manto,
 Muda tristeza, carrancudo espanto
 O amotinado espirito me anceia:

Das sombras abrigada a fragil teia
 Urde Arachne sagaz de canto em canto,
 Minha imaginação faz outro tanto,
 Mil tristes pensamentos lorma, enleia:

Minha imaginação de algoz me serve,
 Forçando-me a que os gostos d'algum dia
 Submersos d'este horror no abysmo observe:

D'encontradas visões na phantasia
 Baralhado tropel me cão, me ferve,
 E n'esta confusão reluz Armia.

CXCII

Quando na rosea nuvem sobe o dia
 De risos esmaltando a natureza,
 Bem que me aclare as sombras da tristeza
 Um tempo sem sabor me principia:

Quando por entre os véos da noite fria
 A machina celeste observo accesa,
 D'angustia, de terror a imagens presa
 Começa a devorar-me a phantasia.

Por mais ardentes preces, que lhe faço,
 Meus ais não ouve o numen somnolento,
 Nem prende a minha dôr com ténue laço:

No inferno se me troca o pensamento;
 Céos! Por que hei de existir, por que, se passo
 Dias d'enjôo, e noites de tormento?

CXCIII

Folheando os annaes da antiguidade.
 Lendo n'elles, ó Pyramo, o teu fado,
 Vendo o peito d'Elisa atravessado
 Do ferro, que empunhou cruel saudade:

Chamado pela voz da Liberdade,
 Do desengano pela mão guiado,
 Fui jurar da Razão no altar sagrado
 Rancor eterno á céga divindade:

Mas o traidor, que aos mesmos céos se atreve
 Notando no meu voto o seu desdouro,
 De fazer-me perjurio astacias teve:

Mostrou-me de mil graças um thesouro,
 E obrigou-me a beber por mãos de neve
 "Refinado veneno em taça d'ouro.",

CXCIV

Edosa fada, que nos astros lisa,
 Mil males me agourou com turvo aspecto;
 Mil males me agourou, mas indiscreto
 Tratei de falsa a negra prophecia;

Depois d'aquelle brusco, infausto dia
 Sempre velando as noites inquieto,
 Grasnar sinistro corvo sobre o tecto,
 Piar afflito mocho á porta ouvia:

Vi d'um ioureiro o tronco fulminado,
 Vi d'um cometa o resplendor temivel,
 Vi feias sombras voltejar me ao lado:

E vejo-te nas mãos da morte horrivel,
 O minha Filis! — Eis verificado
 "O desmentido oraculo terrivel."

CXCV

Quem se vê maltratado, e combatido
 Pelas crueis angustias da indigencia,
 Quem soffre de inimigos a violencia,
 Quem germe de tyrannos opprimido:

Quem não pode ultrajado, e perseguido
 Achar nos Céos, ou nos mortaes clemencia,
 Quem chora finalmente a dura ausencia
 De um bem, que para sempre está perdido:

Folgará de viver, quando não passa
 Nem um momento em paz, quando a amargura
 O coração lhe arranca e despedaça?

Ah! Só deve agradar-lhe a sepultura,
 Que a vida para os tristes é desgraça,
 "A morte para os tristes é ventura.

CXCVI

Do velho Ertilio, magico afamado,
 Meus passos dirigi ao antro escuro,
 Bradei-lhe: — “Ó semi deus, que em teu conjuro
 Tens dom, que força o barathro inflammado!

Se hei de ser como Tirsalia desgraçado,
 Me dize: pois que lendo no ether puro,
 Alças o véo do turbido futuro,
 Sopras a nevoa, que rodeia o fado.

Eis n'isto o mago tres vezes meneia
 A veneravel fronte; e em tom divino
 D'esta arte as esperanças me cerceia:

“Pesquisar o vindouro é desatino;
 Rogas-me em vão; só Jupiter folheia
 “O livro annoso do fatal destino.”

CXCVII

Elmano, de teus mimos anhelante,
 Elmano em te admirar, meu bem, não erra;
 Incomparaveis dons tua alma encerra,
 Ornam mil perfeições o teu semblante:

Grangeias sem vontade a cada instante
 Claros triumphos na amorosa guerra:
 Thesouro que do céo vieste á terra,
 Não precisas dos olhos d'um amante.

Oh! Se eu pudesse, Amor, oh! se eu pudesse
 Cumprir meu gôsto! Se em altar sublime
 Os incensos de Jove a Lilia désse!

Folgára o coração quanto se opprime;
 E a razão que os excessos aborrece,
 Notando a causa revelara o crime.

CXCVIII

De nocturno, horroroso pesadêlo
 Fui na mente sombria atormentado;
 Inda palpito, da visão lembrado,
 Esfria o sangue, erriça-se o cabello:

Vi d'um lado a Desgraça impondo o sêllo
 A's leis, que em damno meu creara o Fado;
 Meus males em tropel vi d'outro lado
 Ais dirigindo a corações de gêlo.

Co'a patria, mundo, e céo me vi malquisto,
 Ao longe a Glória laureada, e bella,
 Ouvi dizer-me: — "De te honrar desisto!",

Tive a morte ante mim tórrva, amarella;
 Furias, Manes: — O horror não parou n'isto,
 Vi Nize, e o meu rival nos braços d'ella.

CXCIX

Nize mimosa, como as Graças pura,
 Amavel Nize como as Graças bella,
 Se inda em teus olhos me pertence aquella
 Maviosa affeição, que fere, e cura:

Um ai, penhor de candida ternura,
 Envia ao triste, que esmorece, anhela;
 Que em ti cuidando solitario véla
 No seio antigo de masmorra escura;

Manda-lhe um ai, meu bem, com elle afaga
 Do ancioso amante o coração ferido,
 A quem mordaz saudade assanha a chaga:

Das minhas afficções compadecido
 Nas azas côn de neve Amor o traga;
 Pago será com mil um só gemido.

CC

Nas horas de Morpheu vi a meu lado
 Pavoroso gigante, enorme vulto:
 Tinha na mão sinistra, e quasi occulto,
 Volume em ferrea pasta encadernado:

— Ah! Quem és (lhe pergunto arripiado)?
 Mereces o meu odio, ou o meu culto?
 “Sou (me diz) o que em sombras te sepulta,
 Sou teu perseguidor, teu mal, teu Fado.

“Corres, triste mortal, por minha conta,
 Mas ha de a meu despeito haver quem corte
 A serie de tormentos, que te affronta:

“Poder vem perto, que te mude a sorte;
 Lá tens o teu regresso . . . — E n'isto aponta,
 Olho rapidamente, e vejo a Morte.

CCI

Acceso no almo ardor, que a mente inflamma,
 Vivo de Amor, de Amor suspiro e canto;
 Na face agora o riso, agora o pranto,
 D'arvore tua, ó Phebo, eu cinjo a rama: .

Prezo a dôce moral, na voz da fama
 Meu nome pouco a pouco aos céos levanto;
 Mas turba vil, que abato, anceio e espanto,
 Urde em meu damno abominavel trama;

Réo me delata de horrida maldade,
 Projecta anniquilar-me o bando rude,
 Envôlto na letêa escuridade:

Que falsa idéa, ó zoilos, vos illude?
 Furtaes-me a paz? Furtaes-me a liberdade?
 Fica-me a gloria, fica-me a virtude.

CCII

Bem hajas, ó Morpheu! Á phantasia
 Que scena divinal me déste agora!
 Nize, qual sáe da noite a grata aurora,
 Surgiu-me d'entre as sombras da agonia.

Mais bello inda a saudade me fingia
 O gesto encantador, que os céos namora;
 Cuido que inda me afaga, que inda chora
 Pranto, que morta flôr viver faria.

Graças, ó nume, de meus ais maguado!
 Alta mercê meu coração te deve,
 Por este acinte, que fizeste ao fado:

Só tua divindade a tal se atreve;
 Mas ah! Que eras prazer de um desgraçado
 Sempre mostraste, ó sonho, em ser tão breve.

CCIII

Na accesa phantasia estou medindo
 Os passos, e as acções da minha amada;
 Noto-lhe o puro collo, a mão nevada,
 Os olhos divinaes, o gesto lindo:

Vejo-a com doces lagrimas sentindo
 Minha acerba oppressão de horror cercada,
 E em torno da belleza amargurada
 As Graças soluçando, Amor carpindo:

A tudo quanto a vê, quanto a rodeia
 Té mesmo irracional e inanimado,
 Obriga a suspirar, commove, anceia:

E de a ter com meus males consternado
 Talvez lá na profunda estancia feia
 Dê tambem algum ai meu duro fado.

CCIV

Excedo lustros seis por mais tres annos,
Mas bem que juvenis meus annos sejam,
Já murcham de agonia, e já me alvejam
Não raros na cabeça os desenganos.

Os fados, meus verdugos, meus tyrannos,
Que de Pandora o cofre em mim despejam,
Folgam de que os mortaes nas cans me vejam
Tristes amostras de frequentes damnos

Parece que devia a formosura
Vingar-me dos crueis commigo irados,
E da ternura o premio ser ternura:

Mas Nize (ó vãos extremos desgraçados!)
Na trança infesta branquear procura
O resto escuro, que escapou aos fados.

CCV

Em sordida masmorra aferrolhado,
De cadeias asperrimas cingido,
Por ferozes contrarios perseguido,
Por linguas impostoras criminado:

Os membros quasi nús, o aspecto honrado
Por vil bôcca, e vil mão, roto e cuspido,
Sem vêr um só mortal compadecido
De seu funesto, rigoroso estado:

O penetrante, o barbaro instrumento
De atroz, violenta, inevitavel morte
Olhando já na mão do algoz cruelo:

Inda assim não maldiz a iniquia sorte,
Inda assim tem prazer, socego, alento,
O sabio verdadeiro, o justo, o forte.

CCVI

Tu, que em torpes desejos atolado
 Vergonhosos prostibulos frequentas:
 Tu, que os olhos famintos alimentas
 No cofre, de thesouros atulhado.

Tu, que do ouro e da purpura adornado
 Quasi d'egual a Jupiter ostenta,
 Bebendo as phrases vis, e peçonhentas
 Do bando adulador, que tens ao lado:

Monstros, que deshonraes a humanidade,
 Desprezando a pobreza attribulada,
 E transgredindo a lei da caridade:

O Desengano ouvi, que assim vos brada:
 "Tremei da pavorosa eternidade,
 Tremei, filhos do pó, filhos do nada!"

CCVII

Os milhões de aureos lustres coruscantes
 Que estão da azul abobada pendendo:
 O sol, e a que ilumina o throno horrendo
 D'essa, que anima os avidos amantes:

As vastissimas ondas arrogantes,
 Serras d'espuma contra os céos erguendo,
 A lêda fonte humilde o chão lambendo,
 Lourejando as searas fluctuantes:

O vil mosquito, a próvida formiga,
 A rainha chocalheira, o tronco mudo,
 Tudo, que ha Deus a confessar me obriga:

E para crêr n'un braço, auctor de tudo,
 Que recompensa os bons, que os máus castiga.
 Não só da fé, mas da razão me ajudo.

CCVIII

Filho, Espírito, e Pae, tres e um sómente,
Que extrahiste do chaos, do pó, do nada
O sol dourado, a lua prateada,
O racional, e irracional vivente;

Eterno, justo, immenso, omnipotente,
Que occupas essa abobada estrellada,
Gran'Ser, de cuja força illimitada
A machina do mundo está pendente;

Tu, que, se queres, furacão violento,
Sumatra feia, tempestade escura
Desatas, e subjugas n'um momento;

Creador, que remiste a creatura:
Quebra o furor do tumido elemento,
Que nos abre no inferno a sepultura!

CCLIX

O' rei dos reis, ó árbitro do mundo,
Cuja mão sacro-santa os maus fulmina,
E a cuja voz terrifica, e divina
Lucifer trema no seu chaos profundo!

Lava-me as nódoas do peccado immundo,
 Que as almas cega, as almas contamina:
 O rosto para mim piedoso inclina,
 Do eterno imperio teu, do céo rotundo:

Extende o braço, a lagrimas propicio,
 Solta-me os ferros, em que choro e gemo
 Na extremidade já do precipicio:

De mim proprio me livra, ó Deus supremo!
 Porque o meu coração propenso ao vicio
 E', senhor, o contrario que mais temo.

CCX

Se te adornas de sã philosophia,
E pio coração, porque o desmentes,
Mantendo contra as lindas innocentes
Perante a série mæn tenaz porfia?

Se um caracter ingenuo desafia
Tua voz a dizer tudo o que sentes,
Considera tambem que tens presentes
A virtude, a belleza, a fidalguia.

Despindo a magistral severidade
Confessa que de uns olhos a brandura
E' carta de favor, que persuade:

Sê digno preceptor, mas com doçura:
Mil desculpas merece a tenra edade,
E mil adorações a formosura.

CCXI

O filho do Gran'Rei, que a monarchia
Tem lá nos Céos, e que de si procede,
Hoje mudo e submissó á furia cede
De um povo, que foi seu, que á morte o guia:

De trevas, de pavor se veste o dia,
Inchado o mar o seu limite excede,
Convulsa a terra por mil boccas pede
Vingança de tão nova tyrannia:

Sacrilego mortal, que espanto ordenas,
Que ignoto horror, que lugubre apparato!...
Tu julgas teu juiz!... Teu Deus condemnas!

Ah! Castigae, senhor, o mundo ingrato:
Caiam-lhe as maldições, chovam-lhe as penas,
Tambem eu morra, que tambem vos mato.

CCXII

Se considero o triste abatimento
 Em que me faz jazer minha desgraça,
 A desesperação me despedeça
 No mesmo instante o fragil sofrimento:

Mas subito me diz o pensamento
 Para applicar-me a dôr, que me trespassa,
 Que este, que trouxe ao mundo a lei da graça,
 Teve n'um vil presepe o nascimento:

Vejo na palha o redemptor chorando,
 Ao lado a mãe, prostrando os pastores,
 A milagrosa estrella os reis guiendo:

Vejo o morrer depois, ó peccadores,
 Por nós, e fecho os olhos adorando
 Os castigos do Céo como favores.

CCXIII

Nos campos o villão sem sustos passa,
 Inquieto na corte o nobre mora;
 O que é ser infeliz aquelle ignora,
 Este encontra nas pompas a desgraça:

Aquelle canta e ri; não se embaracha
 Com essas cousas vãs que o mundo adora:
 Este (ó cega ambição!) mil vezes chora,
 Porque não acha bem que o satisfaça:

Aquelle dorme em paz no chão deitado,
 Este do eburneo leito precioso
 Nutre, exaspera velador cuidado:

Triste, sae do palacio majestoso;
 Se has de ser cortezão, mas desgraçado,
 Antes ser camponez, e venturoso!

CCXIV

Tu de quantos dragões o inferno encerra
 És o peor, Inveja pestilente!
 Morde a virtude, ao merito faz guerra
 Teu detestavel, teu maligno dente:

Athenas por teu mando iniquamente
 O defensor Themistocles desterra;
 O gran'Pacheco, o raio do Oriente,
 Por ti cruel, sem funeraes se enterra:

Lividas göttas de infernal peçonha
 Cuspiste sobre o nectar, que a ventura
 Por mãos de neve me offereceu risonha:

E depois de tragar-me a Parca dura,
 Ha de ir ainda a tua voz medonha
 Minha cinza affrontar na sepultura.

CCXV

Tu, por Deus entre todas escolhida,
 Virgem das virgens, tu, que do assanhado
 Tartareo monstro com teu pé sagrado
 Esmagaste a cabeça entumecida:

Dôce abrigo, santissima guarida
 De quem te busca em lagrimas banhado,
 Corrente com que as nodoas do peccado
 Lava uma alma, que geme arrependida:

Virgem, d'estrellas nitidas c'roada,
 Do Espírito, do Pae, do Filho Eterno
 Mãe, filha, esposa, e mais que tudo amada:

Valha-me o teu poder, e amor materno;
 Guia este cego, arranca-me da estrada,
 Que vae parar ao tenebroso inferno!

CCXVI

Senhor, que estás no Céo, que vês na terra
 Meu fragil coração desfeito em pranto,
 Pelas ancias mortaes, o ardor, o encanto
 Com que lhe move Amor, terrivel guerra:

Já que poder immenso em ti se encerra,
 Já que aos ingenuos ais attendes tanto,
 Soccorre-me entre os santos sacro-santo,
 Criminosas paixões de mim desterra:

Fugir aos laços de um gentil semblante
 Não posso eu só: da tua mão preciso,
 Com que prostou David o atroz gigante:

Fira-me a contricção, torne-me o siso,
 Acode-me, Senhor, põe-me deante
 "Morte, Juizo, Inferno e Paraíso,".

CCXVII

Miseranda Innocencia és nome abstracto,
 És um titulo vão da humanidade;
 Quando se envolve em sombras a verdade,
 Quando soffres do crime o duro tracto:

Que importa que eu conserve o peito intacto
 Das peçonhentas fezes da maldade:
 Que em cumprir tuas leis, ó probidade,
 Fôsse meu coração fiel e exacto?

Que importa, se a calunia m'o desmente,
 Se o ser do parecer é tão diverso,
 E em vão se oppõe o interno ao apparente?

Opinião, rainha do universo,
 Ante o teu tribunal omnipotente
 Socrates impio foi, e eu sou perverso!

CCXVIII

N'este horrivel sepulcro da existencia
 O triste coração de dôr se parte;
 A mesquinha razão se vê sem arte,
 Com que dorme a phrenetica impaciencia:

Aqui pela oppressão, pela violencia
 Que em todos os sentidos se reparte,
 Transitorio poder quer imitar te,
 Eterna, vingadora omnipotencia!

Aqui onde o que o peito abrange, e sente
 Na mais ampla expressão acha estreiteza,
 Negra idéa do abysmo assombra a mente.

Differe acaso da infernal tristeza
 Não vêr terra, nem céo, nem mar, nem gente,
 Ser vivo, e não gosar da natureza?

CCXIX

Sonho cruel o espirito inquieto
 Me arrebatou a incognita morada ;
 Era de bronze a temerosa entrada,
 De bronze o pavimento, o muro, o tecto :

Ente disforme, de rugoso aspecto,
 D'alto assento me diz com voz pesada :
 "Té que do meu furor te abrigue o nada,
 Fulminei contra ti este decreto :

"Os fóros perderás da humanidade,
 Teus flagellos serão teus semelhantes,
 Hão de extorquir te a gloria e a liberdade : „

N'isto accordo c'os membros titubantes :
 Assim temeste, ouvindo, ó ferrea Edade,
 A queda horrenda, que esmagou gigantes.

CCXX

Minh'alma quer luctar com meu tormento;
 Contenda inutil! É por elle o fado:
 Apenas de opprimir-me está cansado
 Eterna força lhe refaz o alento:

Mais vale que delire o pensamento
 Té agora co'a Razão debaide armado;
 É menos triste, menos duro estado
 A Desesperação, que o soffrimento:

A Desesperação soluça e chora,
 A Desesperação mil ais desata,
 Parte do mal nas queixas se evapora:

O Soffrimento azeda o que recata;
 Prende suspiros, lagrimas devora,
 Tyrannisa, consome, e ás vezes mata.

CCXXI

Vós, crédulos mortaes, allucinados
 De sonhos, de chimeras, de apparencias,
 Colheis por uso erradas consequencias
 Dos acontecimentos desastrados:

Se á perdição correis precipitados
 Por cegas, por fogosas impaciencias,
 Indo a cahir, gritaes que são violencias
 D'inexoraveis céos, de negros fados:

Se um celeste poder tyranno, e duro,
 As vezes extorquisse as liberdades,
 Que prestava, ó Razão, teu lume puro?

Não forçam corações as divindades;
 Fado amigo não ha, nem fado escuro:
 Fados são as paixões, são as vontades.

CCXXII

Tenho assás conservado o rosto enxuto
Contra as iras do Fado omnipotente;
Assás comtigo, ó Socrates, na mente
A' dôr neguei das queixas o tributo:

Sinto engelhar-se da constancia o fructo,
Cae no meu coração nova semente;
Já me não vale um animo innocenté;
Gritos da natureza ! Eu vos escuto.

Jazer mudo entre as garras da Amargura,
D'alma estoica aspirar á vā grandeza,
Quando orgulho não fôr, será loucura.

No 'spirito maior sempre ha fraqueza,
E, abafada no horror da desventura,
Cede a philosophia á natureza.

CCXXIII

Não sou vil delator, vil assassino,
Impio, cruel, sacrilego, blasphemó;
Um Deus adoro, a eternidade temo,
Conheço que ha vontade, e não destino;

Ao saber, e á virtude a fronte inclino;
Se chora e geme o triste, eu choro, eu gemo;
Chamo á beneficencia um dom supremo;
Julgo a dôce amizade um bem divino:

Amo a patria, amo as leis, precisos laços
Que mantéem dos mortaes a convivencia,
E de infames grilhões ouço ameaços!

Vejo-me exposto á rigida violencia,
Mas folgo; e canto, e durmo nos teus braços,
Amiga da Razão, pura Innocencia.

CCXXIV

Queimando o véo dos seculos futuros
 O vate, acceso em divinaes luzeiros,
 Assim cantou (e aos echos pregoeiros
 Exultaram, Sion, teus sacros muros):

"O justo descerá dos astros puros
 Em deleitosos, candidos chuveiros,
 As feras dormitarão com os cordeiros,
 Suarão dôce mel carvalhos duros;

A virgem será mãe; vós dareis filões,
 Brenhas intensas, em remotos dias;
 Porás fim, torva guerra, a teus horrores.,

Não, não sonhou o altisono Isaias;
 Ó reis, ajoelhae, correi, pastores!
 Eis a prole do Eterno, eis o Messias!

CCXXV

Aquelle, que domina os céos brilhantes,
 Artifice da machina estrellada,
 Ante cuja grandeza os reis são nada,
 Átomo a terra, os seculos instantes: .

O Deus, que contra os vicios negrejantes
 Pela voz dos trovões ao homem brada,
 Da misera virtude atropelada
 Vinga os tristes suspiros penetrantes:

Sem que o mortal com lagrimas o peça,
 Juiz imparcial, juiz superno
 Na causa do inocente se interessa:

Manda-te resurgir do horror eterno,
 Devorante remorso! Em ti começa
 O suppicio dos máus, dos máus o inferno.

CCXXVI

A frente, que de louro ergui cingida,
Ufana do louvor, e da innocencia,
Jaz por effeito d'horrida apparencia,
Curvada pelo opprobrio, e denegrida:

De mil gratos objectos guarneccida
Rutilava a meus olhos a existencia;
Hoje, amavel Prazer, na tua ausencia
Parece aos olhos meus um ermo a vida.

De quantas côres se matiza o Fado!
Nem sempre o homem ri, nem sempre chora,
Mal com bem, bem com mal é temperado;

Os estados variam de hora em hora!
Sabio o mortal, que em um, que em outro estado
(Disposto a tudo) a Providencia adora!

CCXXVI

Aqui, onde arquejando estou curvado
À lei, pesada lei, que me agrilhôa,
De lugubres idéas se povâa
Meu triste pensamento horrorisado:

Aqui não brame o Noto annuveado,
O Zephyro macio aqui não vôa,
Nem zune insecto aligero, nem sôa
A ve de canto alegre, ou agourado;

Expelliu-me de si a humanidade,
Tu, astro bemfeitor da redondeza,
Não despendes commigo a claridade:

Só me cercam phantasmas da tristeza:
Que silencio! Que horror! Que escuridade!
Parece muda, ou morta a natureza.

CCXXVIII

Tão negro como a turba que vagueia
 Na margem do Coccyto á luz odioso,
 O bando de meus males espantoso
 No sepulcro dos vivos me rodeia.

Qual me abala os fuzis da vil cadeia,
 Qual me afigura um rotulo affrontoso,
 Qual me diz (ai de mim!) que fui ditoso;
 Eis d'elles todos o que mais me anceia.

Tomara reforçar pela amargura
 Meu ser, que anda c'os fados tão malquisto,
 Tomara costumar-me á desventura:

Esquecer-me do bem gosado, e visto,
 Pensar que a natureza é sempre escura,
 Que é geral este horror, que o mundo é isto.

CCXXIX

Ó vós que lamentaes d'Elmano a sorte,
 Crendo na escura terra o corpo frio,
 E os manes já sulcando o mudo rio,
 Na barca immensa de geral transporte:

Sabei que o dôce, inevitável corte
 Lhe foge da existencia ao tenue fio;
 E que seria em vós dever mais pio
 Chorar-lhe a vida, que chorar-lhe a morte:

Existindo agonisa um desgraçado;
 Quem lagrimas nas cinzas lhe derrama
 Parece que o queria atormentado;

Vive, mas pela morte Elmano chama,
 Com suspiros Elmano implora ao fado
 Que seja voz de agouro a voz da fama.

CCXXX

Meus dias, que já fôram tão luzentes,
 Hoje da noite opaca irmãos parecem;
 Meus dias miseraveis emmurchecem
 Longe do gosto e longe dos viventes:

Horror das trevas, peso das correntes
 Olhos, fôrças me abatem, me entorpecem:
 E apenas por momentos me apparecem
 Rostos sombrios de intractaveis entes:

Pagam-se da rugosa austeridade;
 Antolha-se-lhe um crime, um attentado
 Soffrer nos corações a humanidade:

Voae, voae do céo para meu lado,
 Ah! Vinde, dôce Amor, dôce amizade,
 Sou tão digno de vós, quão desgraçado.

CCXXXI

Victima do rigor, e da tristeza,
 Em negra estancia, em carcere profundo,
 O mundo habito sem saber do mundo,
 Como que não pertenço á natureza:

Em quanto pela vasta redondeza
 Vae solto o crime infesto, o vicio immundo,
 Eu (não perverso) em pranto a face inundo,
 Do grilhão supportando a vil dureza:

Mas no bojo voraz da desventura,
 Monstro por cujas fauces fui tragado,
 Em parte um pensamento a dôr me cura:

O infeliz (não por culpa, só por fado)
 N'aqueles corações em que ha ternura,
 É mais interessante, é mais amado.

CCXXXII

Para as sombras da morte aqui me ensaio
 Na habitação da culpa e do desdouro;
 Lendo no mal presente o mal vindouro,
 Aqui choro, aqui tremo, aqui desmaio:

Por imagens fataes a idéa espraião,
 Negreja n'uma, e n'outra infasto agouro;
 Phebo! O Phebo! Ai de mim! Teu sacro louro
 A fronte não me escuda contra o raio.

Sou vítima de asperrima violencia,
 Sem ter quem dos meus males se lastime
 N'este horrivel sepulcro da existencia:

Mas pêso dos remorsos não me opprime;
 A sussurante, a vil Maledicencia
 D'erros dispersos me organisa o crime.

CCXXXIII

Do tempo sobre as azas volve o dia,
 O ponto do meu triste nascimento;
 Vedado á luz do sol este momento,
 Furias, com vosso fachos se allumia!

Nascido apenas, pavorosa harpia
 Ao berço me voou de immundo alento;
 Empestando o miserrimo aposento,
 Eis me roga esta praga horrenda, impia:

“Esteja sempre o bem de ti remoto.
 Vivas sempre choroso, amargurado,
 Damne teus dias o destino immoto.”

Cahiu-me a imprecação do monstro alado,
 Curto mil males, e entre sombras noto
 Outros com que me espera ao longe o fado.

CCXXXIV

Nescia, vil ignorancia, injuriada
 Dos vivas, que meu estro me grangeia,
 Desce aos infernos, e a calunnia feia
 Bramindo extrae da lobrega morada:

Do monstro de cem bôccas escoltada
 Por aqui, por alli, corre, vagueia,
 Em meu nome de lar em lar semeia
 Agro dicterio, satira damnada:

Em cynico furor me finge acceso,
 Venenosos, mordaz, impio me chama,
 Diz que o jugo de um rei, de um Deus desprezo

Mas sempre, sobranceiro á baixa trama,
 Das patrias justas leis me é dôce o peso,
 Amo a religião, e aspiro á fama.

CCXXXV

Pela voz do trovão corisco intenso
 Clama, que á natureza impera um ente,
 Que cinge do aureo dia o véu ridente,
 Que veste d'atra noite o manto denso:

Pasmar na immensidade, é crer o immenso;
 Tudo em nós o requer, o adora, o sente;
 Provam te os olhos, ouvidos, peito e mente?
 Numem, eu ouço, eu olho, eu sinto, eu penso!

Tua idéa, ó gran'Ser, ó Ser divino,
 Me é vida, se me dão mortal desmaio
 Males que soffro, e males que imagino:

Nunca impiedade em mim fez bruto ensaio
 Sempre (até das paixões no desatino)
 Tua clemencia amei, temi teu raio.

CCXXXVI

Lá quando a tua voz deu ser ao nada,
 Fragil creaste, ó Deus, a natureza;
 Quizeste que aos encantos da belleza
 Amorosa paixão fôsse ligada :

A's vezes em seus gostos desmandada,
 Nos excessos desliza-se a fraqueza;
 Fingem te então com impeto e braveza
 Erguendo entre nós a dextra armada:

O' almas sem accordo, e sem brandura,
 Falsos orgãos do Eterno! Ah!... Profanae-o,
 Dando-lhe condição tyranna e dura!

Trovejae, que eu não tremo, e não desmaio;
 Se um Deus fulmina os erros da ternura,
 Uma lagrima só lhe apaga o raio.

CCXXXVII

Um Ente, dos mais entes soberano,
 Que abrange a terra, os céos, a eternidade;
 Que difunde annual fertilidade,
 E aplana as altas serras do oceano:

Um numen só terrível ao tyranno,
 Não á triste mortal fragilidade;
 Eis o Deus, que consola a humanidade,
 Eis o Deus, da razão, o Deus d'Elmano:

Um despota de enorme fortaleza,
 Prompto sempre o rigor para a ternura,
 Raio sempre na mão para a fraqueza:

Um creador funesto á creature;
 Eis o Deus que horrorisa a natureza,
 O Deus do fanatismo, ou da impostura.

CCXXXVIII

Eis da virtude o templo rutilante!
 Sacerdote ancião, de rubra veste,
 Compassa pelo cantico celeste
 Meneado thuribulo fumante:

Do pio aroma, do vapor fragrante
 O giro salutar consome a peste
 Do vicio, que debalde encara, investe
 Turba d'heroes ás aras circumstante:

No solio majestoso a deusa abrindo
 Aos alumnos fieis almo thesouro,
 Dobra o preço a seus dons em dar sorrindo:

E á porta, que volteia em quicios d'ouro,
 A inveja prenhe d'aspides, bramindo,
 "Extrai da gloria alheia o seu desdouro.",

CCXXXIX

Dos negros mausoléos a deusa escura,
 Que o véo desdobra do funereo dia,
 Já Marilia sumiu na estancia fria,
 Deu mais um triste exemplo á formosura:

Soltou-se alma gentil, vida immatura,
 Do corpo, que em mil graças florescia;
 Saudade perennal geme, e avalia
 Thesouro, de que é cofre a sepultura:

Chora, dôce Tirséa, encanto amado!
 Feliz essa corrente maviosa,
 Se lagrimas pudesse mais que o fado!

Se aos chôros te surgisse a irmã formosa,
 Qual em ermo jardim desamparado
 Aos prantos da manhã revive a rosa.

CCXL

Tributo em ais no coração gerados
 Não dês á cara cinza, afflito esposo;
 Roçam da vida o circulo afanoso
 Caminhos florescentes, e estrellados:

Espiritos gentis, por Jove amados,
 Volvendo a seu principio luminoso,
 Olham sol não crestante, e mais formoso,
 Vagueiam sem temor por entre os fados.

Com alta phantasia, e rosto enxuto,
 Vê nos Elysios a immortal consorte,
 Vê da virtude a flôr tornar-se em fructo;

Dóce, augusta Verdade, Amor conforte;
 Em vós, ó impíos, a existencia é lucto,
 E' nos eleitos um sorriso a morte.

CCXLI

O' tu, que tens no seio a eternidade,
 E em cujo resplendor o sol se accende,
 Grande, immutavel ser, de quem depende
 A harmonia da etherea immensidate!

Amigo, e bemfeitor da humanidade,
 Da mesma que te nega, e que te offende,
 Manda ao meu coração, que á dôr se rende,
 Manda o refôrço d'efficaz piedade.

Oppressa, consternada a natureza
 Em mim com vozes languidas te implora,
 Orgãos do sentimento, e da tristeza:

A tua intelligencia nada ignora,
 Sabes que, de alta fé minha alma accesa,
 Té nas angustias o teu braço adora.

IN MEMORIAM

Joaquim Borges de Meneses

124 BIBLIOTHECA UNIVERSAL ANTIGA E MODERNA

CCXLII

Já com ténue clarão, já quasi escura
A nocturna Diana o céo volteia,
E sobre o Tejo azul, que mal prateia,
Vae duplicando a trémula figura:

Aura subtil nas arvores murmura,
No lago adormecido a rã vozeia,
Mocho importuno agouros mil semeia,
D'entre as umbrosas moutas da espessura:

Letargico vapor Morpheu derrama,
Com que insinua um dóce desalento
No livre coração de quem não ama:

Triste de mim! Se repousar intento
Os olhos me abre Amor, Amor me inflamma,
E Analia me persegue o pensamento.

CCXLIII

Vós, que de meus extremos sois a historia,
Versos, por negro zoilo em vão roubados,
Nascidos da ternura, e restaurados
C'o prompto auxilio de fiel memoria:

Da Inveja conseguindo alta victoria
Ide, meus versos, em Amor fiados,
Que d'elle só dependem vossos fados,
Que n'elle só demando a minha gloria:

Não vos importe o publico juizo;
Da voz, que pelo mundo se derrama,
Os vivas caprichosos não preciso.

Voaes aos olhos, cuja luz me inflamma;
Tereis de Anarda approvador sorriso,
Um sorriso de Anarda é mais que a Fama.

CCXLIV

Cantor, que a fronte erguia engrinaldada
 Comvosco, idalias, c'rôas, myrtho, e rosas,
 Que viu por mão das tagides formosas
 D'aljofares a lyra, e d'ouro ornada:

Mente, d'ethereos dons abrilhantada,
 Que sôltá em producções, louçãs, pomposas
 Surgiu, voou com azas luminosas
 Ante o bando, que vae de rôjo ao nada:

Estro, opulento do phebeo thesouro
 (Já dos epicos sons talvez no ensaio)
 Ouviu sahir das trévas triste agouro:

Seu fado o fulminou, bateu-lhe o raio
 A' sombra tua (ai dôr!) lá mesmo, ó louro!
 Chorae o, Amores! Tagides, chorae-o!

CCXLV

Se o Destino cruel me não consente
 Que o ferro nú brandindo irado, e forte,
 Lá nos horrendos campos de Mavorte
 De louros immortaes guarneça a frente:

Se prohibe que em solio refulgente
 Faça os povos felizes, de tal sorte
 Que o meu nome apesar da negra morte
 Fique em padrões e estatutas permanente:

Se as suas impias leis inexoraveis
 Não querem que os mortaes em alto verso
 Contem de mim façanhas memoraveis:

Submisso á má ventura, ao fado adverso,
 Ao menos por desgraças lamentaveis
 Terei pérpetua fama no universo.

CCXLVI

Em vão, para tecer-me um lêdo engano,
 Philosopho ostentoso industrias cansa:
 Diz-me em vão, que exhalando-se a esperança,
 Repousa na apathia o peito humano:

O nauta a sossobrar no pégo insano
 Vê rir-se ao longe a cérulea bonança;
 A mente esperançosa enfreia, amansa
 Os roncos, e as bravezas do oceano:

Se nos miserios cás da mão dos fados
 O negro desengano, eil-os anciosos,
 E á desesperação, e á furia dados!...

Dourae-nos o porvir, ó Céos piedosos!
 Justos Céos! Dêm sequer jardins sonhados
 As flores da ventura aos desditosos!

CCXLVII

No abysmo tragador da Humanidade
 (D'ella, d'ella não só, de quanto existe)
 Co'a mesma rapidez, Elmano, ah! viste
 Sumir se a florescente, e a murcha edade

Olha em muros, que veste a escuridade,
 Olha a côr de teu fado, a côr mais triste:
 Talvez (agora!... agora!) elle te aliste
 No volume, em que lê a eternidade!

Ó tochas funereas! Clarão medonho!
 Da morte, ó mudas, solitarias scenas!
 Em vós arripiado os olhos ponho!...

Ah! Por que tremes, louco? Ah! Por que penas?
 Sonhas n'um ermo, e surgirás do sonho
 Em climas d'ouro, em regiões amenas.

CCXLVIII

Se o grande, o que nos orbes diamantinos
 Tem curvos a seus pés dos reis os fados,
 Novamente me der vêr animados
 De modesta ventura os meus destinos:

Se accordarem na lyra os sons divinos,
 Que dormem (já da gloria não lembrados),
 Ao côro eterno, candidos e alados
 Honrar com elle um Deus ireis, meus hymnos:

Mas, da humana carreira inda no meio,
 Se a debil flôr vital sentir murchada
 Por lei que envôlta na existencia veiu;

Co'a mente pelos céos toda espraiada,
 Direi, d'eternidade ufano e cheio:
 "Adeus, ó mundo! ó natureza! ó nada!,"

CCXLIX

Meu ser evaporei na lida insana
 Do tropel de paixões, que me arrastava;
 Ah! cego eu cria, ah! misero eu sonhava
 Em mim quasi immortal a essencia humana:

De que innumeros sôes a mente ufana
 Existencia falaz me não dourava!
 Mas eis succumbe a Natureza escrava
 Ao mal, que a vida em sua orgia damna.

Prazeres, socios meus, e meus tyrannos!
 Esta alma, que sedenta em si não coube,
 No abysmo vos sumiu dos desenganos.

Deus, ó Deus!... Quando a morte á luz me roube
 Ganhe um momento o que perderam annos,
 Saiba morrer o que viver não soube.

CCL

Já Bocage não sou!... À cova escura
 Meu estro vai parar desfeito em vento...
 Eu aos Céos ultrajei! O meu tormento
 Leve me torne sempre a terra dura:

Conheço agora já quão vã figura
 Em prosa e verso fez meu louco intento:
 Nusa!... Tivera algum merecimento
 Se um raio da razão seguisse pura!

Eu me arrependo; a lingua quasi fria
 Brade em alto pregão à mocidade,
 Que atraz do som phantastico corria:

Outro Aretino fui... A santidade
 Manchei!... Oh! se me crêste, gente impia,
 Rasga meus versos, crê na eternidade!

,FIM

ALFREDO KEIL TOJOS E ROSMANINHO

[OBRA POSTHUMA]

Esta magnifica obra consta de um esplendido volume de mais 150 paginas, impresso em papel couché de optima qualidade e adornado com 33 bellissimas gravuras, 18 phototypias, além do retrato do autor e um prefacio de D. João da Camara.

A obra completa dividir-se-ha em 20 fasciculos quizenaes contando cada um de 16 paginas de texto e a phototypia correspondente.

Todos os fasciculos serão resguardados por uma capa, que inserira um coupon com o numero do mesmo, que os nossos estimaveis assignantes collectoriarão, e a apresentação dos 20 coupons dá direito a uma capa de encadernação dos **Tojos e Rosmaninhos** impressa em 8 côres em percalina, que deliberamos offerecer como

Brinde a todos os srs. assignantes

Apesar das enormes despezas d'esta sumptuosa publicação o preço dos fasciculos é apenas de

**200 réis cada um, em Lisboa e Porto
pagos no acto da entrega**

Nas demais terras do paiz, pagamento **adeantado** ás series de 2, 3, ou mais fasciculos. As despesas de remessa são á custa d'«A Editora», e a distribuição de cada fasciculo é feita nos dias 10 e 25 de cada mez.

Pedidos de assignatura podem ser feitos á

“A EDITORA”

Administracão em Lisboa — 50, Largo do Conde Barão, 5
Depositarios no Porto: Lello & Irmão, 144, Carmelitas
e Magalhães & Meniz, L. da, 11 a 14, Loyos

assim como a todas as livrarias e a todos os correspondentes d'«A Editora»

Esta loja é afamada em todo o condado d'Alameda e
Centra Costa por ser a maior d'esta c̄idade, & mais
completa, fornecida das últimas modas.

Tem um só preço; os caixeiros attenciosos.

O sr. João Gomes, ha muitos annos empre-
gado n'esta casa, convida todo o portuguez d'estes
arredores a ve-lo antes de fazerem suas compras.

Vestimentas, Roupa de Dentro,
Calçado, Chapeus, Malas.

Chas. J. Heeseman
1107-1113 Washington St.
OAKLAND, - - - CAL.